

Evolução do...



1290001006



IE

TCC/UNICAMP C14e

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

IE - INSTITUTO DE ECONOMIA



RELATÓRIO FINAL DE MONOGRAFIA II

EVOLUÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO SETOR TEXTIL
NO BRASIL PÓS-70

Orientador(a):

- MARIA CAROLINA A.F.SOUZA

Aluna:

- ANA CLÁUDIA CARMO CAMARERO

AGRADECIMENTO

Quero expressar a minha gratidão e reconhecimento:

A Professora

MARIA CAROLINA A.F.SOUZA,

orientadora e amiga, pelo apoio seguro e constante nos momentos decisivos na execução desta monografia.

- Í N D I C E -

	Páginas
A P R E S E N T A Ç Ã O	3
CAPÍTULO I - EVOLUÇÃO DO SETOR TÊXTIL NO BRASIL. . .	5
I.1 - Breve Histórico	6
I.2 - Desenvolvimento Recente da Econo- mia e o Setor Textil.	10
I.3 - Desempenho Produtivo.	14
I.4 - Evolução das Exportações no perío- do	16
I.5 - Importações e Investimentos do Se- tor	19
I.6 - Defasagem Tecnológica do Setor Têx- til no Brasil	21
CAPÍTULO II - ESTRATÉGIAS DAS EMPRESAS DO SETOR TÊX- TIL FRENTE AS OSCILAÇÕES DO MERCADO IN- TERNO	26
II.1 - Introdução	27
II.2 - Segmentos Produtivos do Setor Têx- til.	28
II.3 - O Papel da Diversificação.	31
II.3.1 - Importância da Integração Ver- tical	35
II.3.2 - A "Moda" enquanto forma de di- versificação	37
II.4 - O Papel das Exportações.	41
II.5 - Considerações Gerais	44
BIBLIOGRAFIA	47
APÊNDICE ESTATÍSTICO.	51
ANEXOS.	63

- A P R E S E N T A Ç Ã O -

Este trabalho tem por objetivo identificar e analisar as estratégias de sobrevivência das empresas têxteis frente as oscilações do mercado interno. Tal objetivo pressupõe a recuperação de dados sobre a evolução e desempenho do setor, que puderam ser obtidos em publicações do IBGE, Boletins Informativos de Associações de Classe, Teses e outros estudos setoriais. Em paralelo, tornam-se imprescindíveis informações que só poderiam ser obtidas nas próprias empresas têxteis. Para cumprir essa etapa foram realizadas entrevistas em uma amostra de 10 empresas pequenas, médias e grandes.

O estudo está dividido em dois capítulos. O primeiro diz respeito à evolução e aos fatores que afetam o desempenho da indústria têxtil em anos recentes (Pós 70). Por estar inserida no rol dos chamados setores tradicionais da economia e ocupando posição subordinada, no que se refere ao dinamismo industrial, tal indústria é duplamente afetada. Primeiro porque as medidas de política econômica, via de regra, privilegiam os ramos dinâmicos. Segundo porque seu desempenho, uma vez que estreitamente vinculado ao comportamento dos salários está subordinado ao desempenho dos setores dinâmicos. Sendo assim as políticas restritivas e de arrocho salarial, as quais não são raras na economia brasileira - e a década de 80 é significativa enquanto exemplo - levam a uma contração da taxa de crescimento e a um aumento do grau de ociosidade da capacidade produtiva instalada.

No capítulo II destaca-se que em função desse cenário,

e como reação a ele, as empresas que se inserem em tal indústria têm de, constantemente, buscar formas alternativas de sobrevivência. Estas podem se orientar para a redução da atividade produtiva, para a identificação de novas oportunidades no mercado interno via diversificação, na mesma ou em outras indústrias, ou opção por uma maior agressividade em relação às exportações. (algumas empresas passam a produzir exclusivamente para o mercado externo).

Enfatiza-se, a partir dos resultados das entrevistas, a diversificação em suas várias formas de mercado e/ou de produtos. No item referente à diversificação de produtos destaca-se a importância da integração vertical e do chamado segmento de tecidos de moda, enquanto formas alternativas de sobrevivência das empresas frente ao comportamento instável do consumo de têxteis.

Por último dá-se atenção ao papel exercido pelas exportações. As informações fornecidas pelos empresários e/ou dirigentes entrevistados revelam que o mercado externo é visto ainda como um mercado em potencial apenas, e que as empresas, em sua maior parte, não têm uma política de longo prazo com vistas a atingi-lo. Normalmente recorrem a ele como "saída de emergência", que por enquanto vem dando respostas satisfatórias. Porém dada a defasagem tecnológica do parque têxtil nacional em relação aos concorrentes internacionais, e as implicações dela decorrentes em termos de produtividade e competitividade, tende a tornar-se cada vez mais "fechado" como mercado normal e inacessível como mercado alternativo em momentos de crise. Por outro lado foi possível observar que as empresas que adotam uma política clara para as exportações vêm tomando consciência da importância fundamental da redução do hiato tecnológico, o que as leva a planos de investimento com esse objetivo.

CAPÍTULO I

EVOLUÇÃO DO SETOR TEXTIL NO BRASIL

I.1 - BREVE HISTÓRICO

Para alguns historiadores, o ano de 1814 é o marco inicial da indústria têxtil no Brasil, em Ouro Preto. Após a independência nasceram fábricas no Maranhão, Pernambuco e Bahia, todas com processos rudimentares de produção. Em 1869, surgiu a primeira fábrica de tecidos em Itú, Estado de São Paulo, utilizando-se pela primeira vez, de máquina a vapor. No período 1905/1915 verificou-se um aumento de 118% no número de fábricas de tecidos de algodão, e um aumento de 127% na produção. Embora a indústria têxtil nordestina continuasse a crescer, houve transferência do centro de desenvolvimento econômico para a região centro-sul, elevando a concentração de indústrias têxteis no Estado de São Paulo, acompanhando o processo evolutivo sócio-econômico.

Note-se que após a I Guerra Mundial, o setor progride com melhorias na qualidade e aumento de produtividade.

A depressão de 29 provocou sérios abalos na economia brasileira. Este quadro resulta numa queda na demanda de bens de consumo não duráveis, em boa parte explicada pela queda dos salários (a massa salarial cresce menos que a produção). Em decorrência as dificuldades para os empresários têxteis se agravaram, pois a queda das vendas se acentuaram. O governo passou então a adotar medidas protecionistas, no bojo do chamado processo de substituição de importações.

No período de 1930-1945, a indústria têxtil algodoeira alcançou o máximo de produção, que causou instabilidade. No início deste período, a economia passava por uma superprodução de têxteis, e só conseguiu apaziguar o problema, com os estímulos dados às exportações durante a 2ª Guerra Mundial.

Com a 2ª Guerra Mundial os empresários têxteis encontraram oportunidades de abastecer a América Latina, Europa e Oriente Médio. As exportações saltaram de 840.168.000 metros em 1940, para 1.414.336.000 metros, três anos depois, sendo que a África do Sul e a Argentina absorveram cerca de 50% dos tecidos exportados entre 1941 e 1945. A indústria têxtil brasileira passou a ocupar o 29 lugar entre as nações do Hemisfério Ocidental, o que foi facilitado pelo fato de que os Estados Unidos estarem totalmente voltados para a guerra.

Para atender a demanda exterior, os empresários têxteis continuaram repetindo técnicas já utilizadas nos anos 30, contratando trabalhadores rurais inexperientes, fazendo-os trabalhar ininterruptamente. O grande incentivo a produzir e a exportar levou muitos fabricantes a reduzir os padrões de qualidade e a ética comercial. Foram chamados de os "Tubarões de Mangas Arregaçadas", de uma época em que "a cobiça era estúpida e desenfreada"⁽¹⁾. Então, o governo passou a intervir a favor dos consumidores, pois os preços dos tecidos e, consequentemente, os lucros empresariais eram exorbitantes. Em início de 1943, os preços dos produtos de algodão foram congelados, porém esta medida foi logo suspensa devido às dificuldades encontradas para implementá-la. Neste mesmo ano, os empresários fizeram um "convênio têxtil" com o governo, segundo o qual, 10% da produção de cada fábrica ficariam submetidos a controle de preços.

Em julho de 1944, o governo de Vargas criou a CETEX, a fim de estimular a produção têxtil, distribuir cotas entre as diversas fábricas e controlar a qualidade do produto. Já em 1946, a CETEX tomou a medida severa de suspender as exportações por noventa dias, colaborando para o fim da "euforia" do ciclo exportador e trazendo novamente à tona os problemas de super-

(1) STEIN, Stanley J. "Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil 1850/1950", p.168.

produção e crise. Agregue-se a isso, o fato de que, com o fim da guerra, os fornecedores tradicionais preparavam-se para retomar os mercados aos quais o Brasil havia passado a fornecer a partir de 39. Por outro lado, as perspectivas de exportação para os mercados latino-americanos revelaram-se negativas. Pós-guerra, os Estados Unidos e a Inglaterra passaram a exportar somente os equipamentos obsoletos. Dificultava-se ainda mais, a situação das indústrias têxteis. Este quadro, fez com que os industriais se voltassem para o mercado interno, provisoriamente, pois não foram capazes de resistir aos atrativos que a exportação representava à época.

Assim sendo, eles aguardaram atentamente a liberação das exportações, e retiveram seus produtos. Aumenta a insatisfação popular frente às atitudes do empresariado têxtil.

Os anos 1940-45 delimitam, portanto, o período de maior prosperidade para os fabricantes de tecidos de algodão. A eles porém não correspondeu uma modernização, seja nas técnicas produtivas, seja no que se refere às formas de administração. Nesse sentido, o quadro era semelhante ao dos anos 30, o que sem dúvida viria a se refletir no desenvolvimento posterior da indústria.

Em 1950, o consumo de têxteis no Brasil estava 2% acima da média mundial, caindo para 19% abaixo em 1960. Porém continuava o atraso da indústria têxtil, dada a ausência do progresso das técnicas de produção e administração das empresas.

Na década de 60 a indústria têxtil nacional apresenta já um marcado descompasso frente ao quadro internacional. Estudos da CEPAL diagnosticavam e chamavam a atenção para os efeitos perversos do obsoletismo e a redução da produtividade do setor têxtil brasileiro, em paralelo a acentuada descapitalização, com conseqüente queda de competitividade. Tal diagnóstico todavia não teve ressonância, nem conduziu às medidas que fariam já necessárias, visto que o quadro de inflação crescen-

te permitia um repasse de custos a preços.

"... não deveria o empresário se preocupar com melhoria de produtividade visto que os custos acrescidos provenientes da ineficiência do setor produtivo eram totalmente repassados - via preço - para o consumidor final" (2).

A partir de 64, a adoção de medidas econômicas de cunho recessivo, faz-se sentir sobre o setor têxtil. O aumento da produtividade passa a ser então crucial. A partir de 1965, o setor recebe uma série de incentivos governamentais. o FIPEME (Programa de Financiamento à Pequena e Média Empresa) e FINAME (Financiamento para Compra de Equipamentos Nacionais), vinculados ao BNDE, foram os instrumentos para a efetivação das medidas de apoio - basicamente crédito subsidiado para modernização do equipamento.

Nos anos seguintes a ociosidade no setor têxtil (algodão) tornou-se transparente (retração do mercado pelo alto preço e pela entrada das fibras sintéticas, de preços mais baixos). Ao final da década de 60 o CDI determinou que as máquinas e equipamentos substituídos fossem sucateados, na tentativa de efetivar a modernização do setor com o fortalecimento da indústria de máquinas têxteis, que seriam favorecidas e incentivadas em tecnologia e produtos. Com a adoção de uma política de combate à inflação no governo Castelo Branco, a fragilidade da empresa nacional veio à tona, implicando no desaparecimento de pequenas e médias empresas têxteis e a desvalorização de alguns subsectores. Com o advento do chamado "milagre" brasileiro esse quadro viria a sofrer uma reversão.

(2) RATTNER, Henrique (Coord.). "O Comportamento Empresarial na Acumulação e na Luta pela Sobrevivência, SP, FGV, p.200.

I.2 - DESENVOLVIMENTO RECENTE DA ECONOMIA E O SETOR

TÊXTIL

A economia brasileira atravessou uma rápida expansão econômica entre os anos de 1968 e 1974, período em que o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu a uma taxa média de 11,2 a.a. em termos reais. Destaca-se o ano de 1973 por atingir a taxa de 13,6%. Este surto expansivo todavia não rebate de imediato no setor têxtil, que apresenta no período 68/72 um crescimento de apenas 1,4%. Tenha-se presente nesse sentido, que os benefícios do chamado "milagre" econômico não foram repassados ao salário real, que apresentou, ao invés, tendência declinante no período (ver Tabela I). Ressalte-se, por outro lado, que os incentivos do governo às exportações explicam em parte, porque as taxas modestas de crescimento verificados pelo setor no período não foram ainda menores ⁽³⁾.

A partir de 1974 a economia brasileira entrou em uma fase de desaceleração, que atravessou o resto da década. No quinquênio 1974/1978 a taxa de crescimento real do PIB caiu para 7,1% a.a., conforme se observa na análise dos dados da Tabela III. Este comportamento instável deriva fundamentalmente do desempenho do setor industrial. A indústria foi o setor líder, crescendo a uma taxa média de 13,6% entre 1970/1973 e 7,8% entre 1974/1977.

Comparando os períodos considerados (70 - 73 e 74-77) observa-se com nitidez a desaceleração do ritmo de crescimento da produção industrial que se verifica a partir de 1974, em con

(3) Conforme pode ser observado na tabela II, as exportações no período 70/72 crescem 287%.

traste ao "boom" dos anos anteriores⁽⁴⁾. Este segundo período que se inicia em 1974, depois do primeiro choque do petróleo, é marcado por uma política econômica expansionista que vai se consubstanciar no II PND e que visava manter a taxa de crescimento em níveis elevados e promover um salto na capacidade instalada na indústria pesada. Grandes projetos de exportação de matéria-prima foram elaborados e grandes gastos governamentais foram feitos.

Mas a opção interna de recorrer ao Sistema Financeiro Internacional, e a sustentação de um elevado nível de investimentos produtivos expressos no II PND, tiveram como consequência um salto no volume da dívida externa e mais um desequilíbrio no balanço de pagamentos.

"Em resumo, os dois períodos de industrialização da década de 70 correspondem a padrões de crescimento distintos. O primeiro se caracteriza por altas taxas de crescimento na produção, na demanda interna e no investimento industrial concentrado nas indústrias orientadas para o consumo. O segundo se caracteriza por uma desaceleração do crescimento do consumo e da produção corrente manufatureira, que se reduz à metade em relação ao período do auge, mas também pela manutenção de elevados níveis de investimento industrial, tanto nos setores de insumos básicos quanto no complexo metal-mecânico" (5).

É no quadro acima, que se insere o declínio na taxa de crescimento do setor têxtil resultante da fase de expansão (1970/1973). Assim como na fase de crescimento acelerado, na desaceleração, o comportamento do emprego urbano tem grande poder explicativo.

(4) WERNECK, D.F.F. e BONELLI, Regis. "Desempenho Industrial: Auge e Desaceleração nos Anos 70", p.173 e seguintes.

(5) TAVARES, M.C. e LESSA, C. "O Desenvolvimento e a Política Industrial da Década de 70 - Impasses e Alternativas", p.6.

"As tendências recessivas dos setores de bens de consumo não-duráveis são as que aparecem primeiro, dado que a massa de salários que vem crescendo muito menos do que a da produção, quando o ritmo desta se desacelera, entra a declinar por várias razões. Em primeiro lugar, o ritmo de crescimento do emprego urbano não se mantém... o poder de compra dos salários cai acentuadamente" (6).

Em 1977, evidenciam-se os efeitos "negativos" causados pelos investimentos maciços do período anterior, juntamente com a alta da taxa de juros interna e correção monetária. A entrada de empresas estrangeiras no mercado interno colaborou para a superprodução de têxteis, agravando o quadro com a forte concorrência no setor. Nem mesmo a abertura de mercados no leste europeu permitiu contrabalançar as perdas ocorridas com o protecionismo no Mercado Comum Europeu e nos EUA, e a entrada do Japão veio acirrar a situação. Estas alterações e indefinições do mercado mundial levaram os empresários nacionais a adotar medidas de precaução. A política otimista em fins de 73 caracterizada pelos altos volumes de investimento para modernização do setor, foi substituída por uma atitude de espera. Algumas empresas partiram para a diversificação dos produtos a fim de conquistar uma outra parcela do mercado interno e externo. As pequenas e médias empresas foram as que mais sofreram com os momentos de oscilação na economia e não raras vezes tornaram-se insolventes, recorrendo ao eterno "guarda-chuva" do governo reivindicando crédito subsidiado.

O segundo choque do petróleo, as flutuações bruscas dos preços relativos, a explosão das taxas de juros internacionais em 1979, que levam a uma violenta aceleração inflacionária interna, e a recessão mundial do início da década de 80, mostram uma nova fase de dificuldades que levaria a economia brasileira a um quase colapso cambial a partir do final de 1982 e a

(6) TAVARES, M.C. e LESSA, C. *op.cit.*

complexas negociações com o FMI, outros credores internacionais e o governo norte-americano⁽⁷⁾. A recessão industrial no triênio 1981-1983, dada pela queda no investimento público, redução do ritmo de construção de alguns projetos elaborados pelo II PND, corte nos gastos e nas exportações e na elevação dos juros (externos e internos), levou à contração da liquidez com o conseqüente aumento do custo do dinheiro. Pode-se observar este comportamento recessivo, na evolução do PIB neste período (Tabela III). Esta crise econômica do início dos anos oitenta, afetou duramente as empresas do setor têxtil, principalmente aquelas que apresentavam alto grau de endividamento.

As sucessivas tentativas de ajuste não chegaram a serem bem sucedidas e a economia só volta a apresentar resultados favoráveis a partir de 1984, apesar do PIB não chegar a atingir as taxas verificadas no período de auge dos anos 70. Dado o grau de interdependência do setor têxtil e a economia como um todo, é neste mesmo período que as condições para o setor voltam a ser favoráveis, reforçados pela extraordinária recuperação das exportações (ver Tabela II).

(7) MALAN, P.S. e BONELLI, R. "Crescimento Econômico, Industrialização e Balanço de Pagamentos: O Brasil dos Anos 70 aos Anos 80", p.22.

I.3 - DESEMPENHO PRODUTIVO

A Tabela IV mostra a evolução do consumo industrial de fibras têxteis no período 1963/87. Pode-se notar um crescimento expressivo do setor no período do "milagre econômico" (1970-1973), expandindo 12,12% a.a. Porém, com a desaceleração econômica pós-74, o setor expandiu anualmente cerca de 5% (74-79). Com o agravamento do comportamento da economia brasileira, o setor têxtil passa a mostrar dados cada vez menos animadores, culminando no período de 1981 a 1983 com taxa de 3,68% negativa. Tal desempenho revela a fragilidade deste setor tradicional frente aos "ciclos" econômicos, que caracterizam o período analisado (1970-1987).

O setor têxtil tem uma ampla base de mercado, cuja demanda responde ao comportamento do consumo dos trabalhadores, vinculado portanto às condições de aumento de emprego e ao poder de compra dos salários de base. Caracteriza-se assim, um desempenho basicamente subordinado à performance da economia como um todo. Conforme TAVARES: "Seu crescimento depende, portanto, do ritmo de emprego e da elevação da taxa de salários, que são apresentam dinamismo acentuado no auge da acumulação de capital"⁽⁸⁾. Esse é o pano de fundo que deve nortear as considerações sobre os resultados apresentados pelo setor. Nota-se que no início da década de 70, marcado pelo alto poder de compra dos salários (Tabela I), configura-se um bom desempenho do setor têxtil. Destaca-se o ano de 1973, onde o setor cresceu 19,51%. Pós 1973 o setor passa por diversas flutuações, chegando a ta-

(8) TAVARES, M.C. e LESSA, C. *op.cit.*

xa negativa de 1,87% em 1977, subindo para 8,32% em 1979, contudo 1974-79 o setor mantém um crescimento razoável atingindo a uma taxa de 5% de crescimento.

O ano de 1980 é marcado pelo maior consumo industrial de fibras têxteis até então, atingindo o patamar de 1008,4 mil toneladas. Mas o ano seguinte, é marcado pela forte retração no mercado interno dos produtos têxteis, chegando a atingir uma taxa negativa de 9,56% no ano. Este quadro permanece até meados dos anos 80, refletindo a influência negativa de fatores tais como (Tabela 1), queda do salário real e aumento de desemprego. Problemas relativos a matéria-prima vieram agravar ainda mais a situação do setor. Nota-se uma recuperação do setor no ano de 1982, a uma taxa de crescimento de 1,78% no ano, onde, provavelmente, exerceu peso o aumento do salário real deste ano.

Somente em 1985 verifica-se uma recuperação, com um crescimento de 13,53%. Em 1986 o setor chega a atingir uma taxa de 15,76% (a mais alta até então, só perdendo para o ano de 1973). A demanda por produtos têxteis estava muito aquecida em parte considerável, graças às políticas econômicas da época ("O Plano Cruzado"), o que levou a "busca desenfreada destes produtos", com resposta lenta da oferta. Pode-se dizer que este foi um ano "atípico" para o setor e para o país, pois as medidas "imediatistas" de crescimento tomadas em 1986 não foram suficientes para permitir um crescimento sustentado. Com a posterior queda do poder de compra dos trabalhadores e aumento do desemprego, o desempenho dos setores tradicionais de forma geral - (entre estes o têxtil), é particularmente afetado.

Os dados da Tabela V, são ilustrativos neste aspecto. Nota-se para esses setores um significativo aumento do número de falências e concordatas pós Plano Cruzado.

I.4 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES NO PERÍODO

A década de 70 é marcada pelo ótimo desempenho das exportações de têxteis, principalmente até meados dos anos 70, graças aos incentivos governamentais tais como: subsídios; grande número de projetos aprovados pelo CDI (para implantação, modernização e ampliação de unidades); concessão de linhas especiais de crédito; redução de alíquotas de impostos e/ou dilatação dos prazos de recolhimento; financiamentos para capital de giro; concessão de incentivos fiscais e financeiros ao setor (Tabela II).

A segunda metade de 70, é marcada por uma "desaceleração das decisões de investimentos... modificação nas diretrizes de crescimento setorial da economia que se consubstanciavam no II PND... o GDI passou a adotar critérios bem mais rígidos na aprovação de projetos"⁽⁹⁾. Soma-se a isso a diminuição no ritmo de modernização tecnológica e o "fechamento" das exportações para o Mercado Comum Europeu. Apesar disso as exportações continuaram a exercer um efeito positivo sobre o desempenho da indústria têxtil. Em 1977, por exemplo, ano considerado de "crise" pelos empresários, o crescimento de aproximadamente 26% das exportações em relação ao ano anterior, permitiu que algumas empresas ainda conseguissem manter as margens de lucro.

Nos anos 80 o comportamento das exportações dos têxteis é bem diferente do verificado no período anterior. Nota-se uma inflexão nas exportações em 1982, determinada principalmente pela retração do comércio mundial. A recuperação das exportações nos anos posteriores traduz, em grande parte, o esforço expor-

(9) MACARINI, P. e BIASOTO, Geraldo. "A Indústria Têxtil Brasileira". Convênio UNICAMP/IE/SIOCT, Campinas, 1985, p.113.

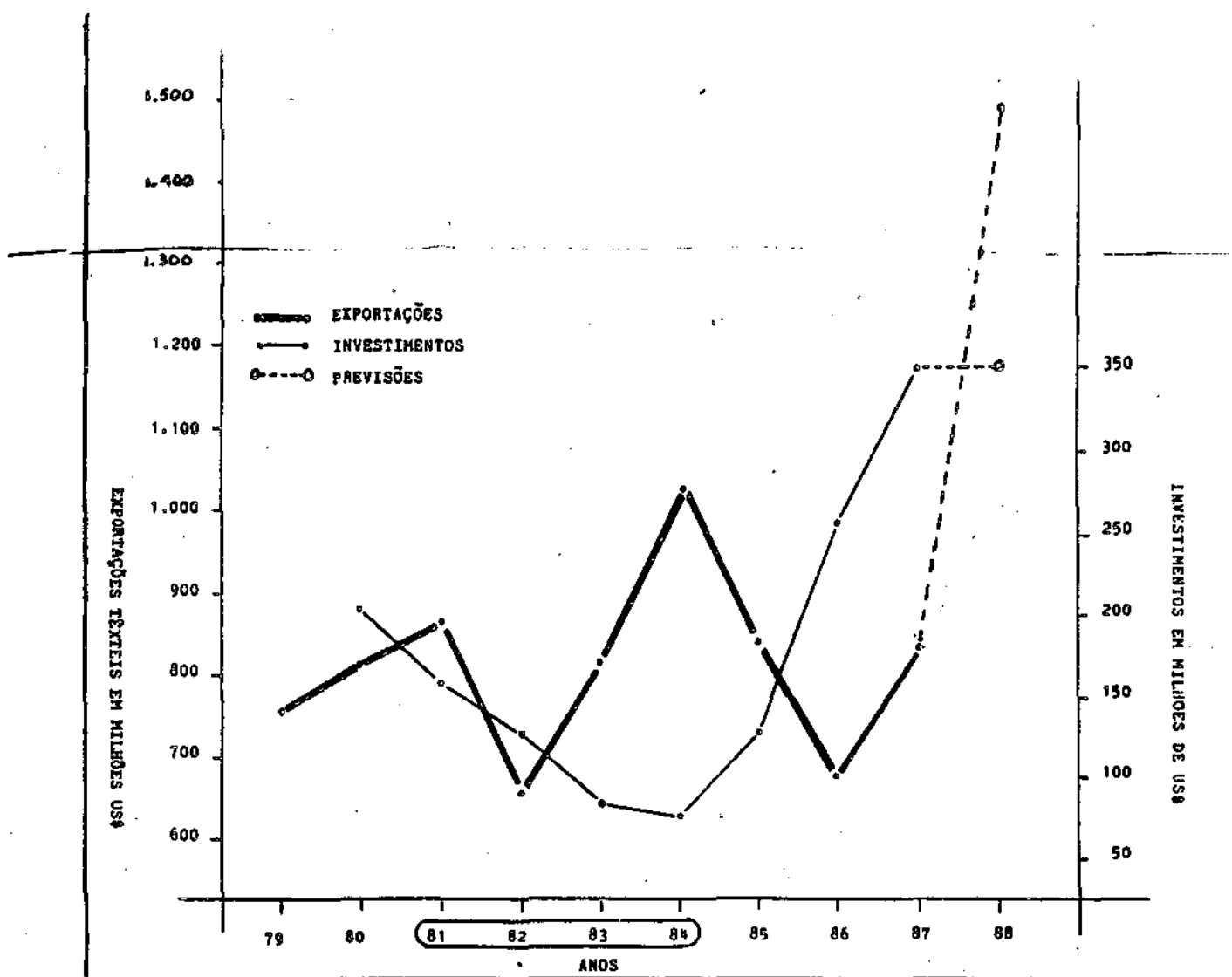
tador desenvolvido pelas empresas como resposta aos problemas no mercado interno.

Em 1985 as exportações mais uma vez se contraem, atingindo uma taxa de 28% negativa em relação ao ano anterior. Novamente é possível fazer um paralelo com o comportamento da demanda interna. Nesse ano o consumo de têxteis aumenta, com fôlego continuado para 1986. Os efeitos do Plano Cruzado (em 1986) sobre o consumo interno rebatem sobre o comportamento das exportações de tecidos que chegam a um patamar de -5,3% em comparação ao ano de 1985. Muitas empresas deixaram retrain suas vendas para o mercado internacional para aproveitar o "boom" do mercado interno.

A partir de 1987 as exportações voltam a crescer. Nesse ano, o setor têxtil passou a vivenciar o que é classificado como uma situação de crise, talvez a pior de sua história, e que se estende para 1988. Nesse período as exportações desempenharam claramente o papel de "escoadouro" ou "saída de emergência", atingindo aproximadamente o valor de US\$ 1.500 milhões (o maior até então registrado - Tabela II). O gráfico a seguir é bastante ilustrativo nesse sentido. Sobressaem os anos 84 e 86. No primeiro tem-se um pico nas exportações, coincidindo com um declínio acentuado da atividade econômica interna. No segundo, em paralelo à recuperação do investimento, observa-se o retraimento das exportações. Esse quadro parece indicar que, efetivamente, para o setor como um todo não se constata a formulação de uma política de longo prazo dirigida para as exportações. Evidentemente essa afirmação não pode ser generalizada visto que algumas empresas principalmente as de grande porte, vêm dedicando parcela definida de sua produção para o mercado externo, parcela essa que pode ser ampliada em períodos de contração das vendas domésticas como forma de amenizar seus efeitos.

- QUADRO I -

EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTO
DOS TÊXTEIS



Fonte: Revista Têxtil, nº4, 1988, p.98

1.5 - IMPORTAÇÕES E INVESTIMENTO DO SETOR

No início da década de 70, período de surto econômico no Brasil com significativo aumento do investimento, as importações de máquinas têxteis cresceram (Tabela VI).

As medidas de política econômica do período voltavam-se essencialmente para um aumento de produtividade. Vários incentivos foram dados para beneficiar estas importações, através de créditos e isenções para o setor.

De 1971 a 1975 as importações de máquinas cresceram 18,8% a.a. em valor, atingindo o montante de US\$ 446.877 mil em 1975. Destacam-se os seguintes itens: fiadeiras e filatórios, reforçadeiras, teares sem lançadeira, máquinas de costura industriais, teares circulares para malharia. Portanto as importações de equipamentos, principalmente na primeira metade dos anos 70, foram responsáveis pela modernização do setor analisado.

Pós 75, porém, as importações de máquinas têxteis sofrem uma desaceleração, reflexo da retração econômica e conseqüente queda dos investimentos. A taxa média de crescimento dos investimentos, tendo como base 1970, passa de 18,2% no período 1973/1974 para -34,6% em 1976/1977⁽¹⁰⁾. Cabe considerar também como influenciando o comportamento das importações no período, no II PND, no qual o setor têxtil aparecia apenas em segundo plano, e os projetos apoiados pelo CDI, que ampliam a produção nacional de máquinas têxteis.⁽¹¹⁾

Em 1979-80 as importações apresentam uma ligeira recuperação em relação aos anos anteriores, mas em 81 as importações

(10) WERNECK, D.F.F. e BONELLI, Regis, *op. cit.*

(11) MACARINI, Pedro e BIASOIO, Geraldo, *op. cit.*

não chegaram ao montante de US\$ 124.510 mil, aproximadamente 1/3 do valor atingido em 1975. A partir daí, as importações (Tabela VI) sofreram uma queda pronunciada, culminando em 1984, onde a crise do setor tem como uma de suas manifestações a acentuada redução nos investimentos. Estes, tendo como referência o ano de 1980, representaram apenas 37,8%, o que, por sua vez, se traduziu em uma grave crise de consumo para os produtores de equipamentos têxteis que chegaram a enfrentar uma ociosidade de até 50% no período 81/84⁽¹²⁾.

Em 1985, nota-se uma recuperação no setor e consequentemente nos investimentos (63,6% em relação a 1980) e importações de máquinas. Cabe destaque para as máquinas de costura industriais, tecidos, teares sem lançadeiras e bobinadeiras (Tabela VI). Esta tendência se mantém em 1986-87, anos em que o super aquecimento da demanda de têxteis incentivou a expansão nos investimentos. Tendo 1980 como base, os investimentos em 1986 e 1987 representaram respectivamente 126,6% e 172,8%.

Esse comportamento irregular dos investimentos da indústria têxtil tem como uma de suas faces, o significativo grau de defasagem tecnológica que a caracteriza. Esse resultado é atribuído, em grande parte, "à falta de uma política industrial definida, como ocorreu na década de 70, e à falta de planejamento estratégico a médio e longo prazos do próprio setor têxtil, com a redução drástica dos investimentos a partir do início da década de 80, só retomados em 86/87 como reflexo do Plano Cruzado"⁽¹³⁾.

(12) Revista Têxtil, nº 4, 1988, p.98.

(13) GORTOPASSI, Mário, Diretor Presidente do Departamento Têxtil da ABIMAQ SINDIMAQ, in Revista Têxtil, op. cit., p.96 e 97.

I.6 - DEFASAGEM TECNOLÓGICA DO SETOR TÊXTIL NO BRASIL

Tendo presente que a defasagem tecnológica da indústria têxtil nacional é um fato e que o debate sobre seus possíveis efeitos assume cada vez mais destaque na literatura especializada, apresenta-se um breve relato sobre a atual situação deste setor no que se refere a essa questão.

As instabilidades política e econômica vigentes no país, certamente têm peso relevante na decisão do empresário em investimento de modernização, e a indústria têxtil não é exceção. Sendo assim, o arranque para a modernização ocorrido na primeira metade dos anos setenta não foi novamente experimentado, pelo menos com a mesma intensidade, fazendo com que a defasagem tecnológica frente aos países avançados ficasse ainda maior.

Aproximadamente 152.000 teares estão instalados no Brasil (conforme quadro a seguir). Deste total apenas cerca de 55% (88.600) são teares nacionais. Dos teares instalados, 94,3% são de lançadeiras, isto é, teares já considerados obsoletos em países desenvolvidos. Estes teares limitam a produção têxtil devido à sua velocidade, conseqüentemente menos quantidade produzida, menor largura e pior homogeneização e qualidade dos tecidos. Contudo, eles podem ser transformados em teares mais atuais, isto é, teares sem lançadeiras (pinça), ocorrendo um ganho de aproximadamente 10% em sua rotação e uma diminuição a nível de manutenção⁽¹⁴⁾.

(14) RHODIA S.A. - Teares e Evolução.

QUADRO II

PERCENTUAL DE TEARES INSTALADOS POR TIPO DE
INSERÇÃO DE TRAMA (EM 1988)

Lançadeira (mecânico e automático	=	143.290	(94,3%)
S/lançadeira - pinça	=	4.820	(3,2%)
projétil	=	3.540	(2,3%)
jato de ar	=	300	(0,2%)
jato de água	=	50	
TOTAL	=	152.000	

Fonte: RHODIA S.A. - *op. cit.*, p.5.

De 1971 a 1987 verifica-se a importação de 6.170 teares sem lançadeira (conforme Tabela VI) .. Os suíços destacam-se como maiores fornecedores de teares sem lançadeira, principalmente a Sulzer⁽¹⁵⁾. No início de 88, o total de teares sem lançadeiras situava-se em torno de 8.710 (5,7% do total de teares instalados no Brasil). Estes números expressam, segundo os dados da Carta Têxtil⁽¹⁶⁾, a defasagem tecnológica. Entre as muitas vantagens destes teares em comparação aos mais velhos (com lançadeiras) destacam-se: aumento da rotação e consequentemente alta produção (podendo produzir até três vezes mais que os com lançadeiras), redução da tensão, portanto maior homogeneização e melhor qualidade do tecido, redução de gastos de mão de obra e energia. Entre os teares sem lançadeiras, os de pinças são os mais comuns, seguidos pelo projétil (Tear importado). Os de tecnologia mais moderna existentes atualmente no mundo são os teares de jato de ar e jato d'água, com insignificante

(15) MACARINI, Pedro e BIASOTO, Geraldo. *op. cit.*, p.159.

(16) Carta Têxtil. - XXXVI FENIT - Edição Especial.

participação no nosso polo industrial, conforme quadro II.

Deve-se, todavia, ressaltar alguns dos possíveis problemas para a incorporação dos teares citados. A implantação destes teares exige modificação no espaço da produção, com a necessidade de inutilizar algumas máquinas como urdineiras, filatórios, dificuldades quanto as peças de reposição (maioria ainda importados) e alto custo do equipamento, e ainda as restrições à importação criadas pela LEI NACIONAL DE INFORMÁTICA.

Todavia, conforme citado em estudo realizado pela Rhodia S.A. ⁽¹⁷⁾ as perspectivas tecnológicas são "animadoras". A partir de 1988 por exemplo, a empresa Itamasa começou a fabricar teares PICAÑOL (teares com inserção de tramas através de pinça). Encontram-se em fase de implantação, projetos para produção de teares VAMATEX - de pinça rápida e a jato de ar - já a partir de 1989. A unidade fabril já está sendo construída em Guarulhos, para a fabricação de teares de pinça rápida e a jato de ar e maquinas positivas, negativas e marchas externas. Isso representa o início da execução de um plano de investimentos que em sua primeira fase prevê desembolso de 20 milhões de dólares ⁽¹⁸⁾. Isso incentivará a produção de máquinas mais modernas a nível nacional. Acredita-se que o Brasil apresenta um grande potencial enquanto consumidor têxtil, que tem muito a ser ainda explorado, podendo vir a fabricar produtos com competitividade e qualidade internacional.

Outro aspecto importante para a modernização dos teares é a implantação da informática. Esta atinge o setor através de microprocessadores incorporados aos teares. Assim é possível controlar todos os dados dos teares, desde sua velocidade, pro

(17) RHODIA S.A. - op. cit.

(18) Revista Têxtil, op. cit., anexo nº 1.

dução, rendimento, motivos de parada, desenrolamento do rolo de urdume até programar o seletor de cores da trama e alteração na padronagem do tecido. Porém, no Brasil só existe um fabricante de tear acoplado com microprocessador, mas ao que tudo indica este número tende a crescer bastante nos próximos anos e otimizar o ritmo de produção (número de batidas por minuto) e especificação do tecido (número de inserções/m²).

Por outro lado há que considerar que em períodos recessivos, a exportação passa a ser uma "saída de emergência" dos empresários frente à fraca demanda interna de produtos. Assim, via BEFIEX, algumas empresas têm procurado modernizar suas instalações, principalmente pós 84, configurando não o que poderia ser chamado de avanço tecnológico, mas antes como o início de uma conscientização da precariedade do parque têxtil nacional e das implicações daí advindas, principalmente no que se refere à produtividade e conseqüente competitividade dos produtos têxteis no cenário internacional.

Portanto, apesar de períodos de estagnação tecnológica nos teares nacionais, "ocorrem surtos de modernização motivados por estímulos de demanda"⁽¹⁹⁾, que podem favorecer o estreitamento do "hiato entre os equipamentos instalados e as inovações introduzidas na fronteira da indústria a nível internacional"⁽²⁰⁾. A indústria nacional de máquinas para a indústria têxtil, segundo um de seus representantes⁽²¹⁾, não chega a representar um obstáculo intransponível no sentido da redução da defasagem tecnológica, desde que haja demanda para tal. O setor, desde o início dos anos 80, oferece teares de nível tecnológico superior aos já instalados. Apesar dessa disponibili-

(19) TAUILLE, José Ricardo. "Automação e Competitividade: uma avaliação das tendências no Brasil", URFJ/IEI, 1987, p.52.

(20) Idem, *ibidem*.

(21) GORTOPASSI, M. *op. cit.*, p.96.

dade, o número de teares substituídos (considerando compras de produtores nacionais e importações) continua muito pequeno, o que acentua a importância dos mencionados "estímulos de demanda" - de origem no mercado interno e/ou externo.

Finalmente cabe fazer referência ao nível significativo de heterogeneidade tecnológica que marca a indústria brasileira. Encontram-se empresas utilizando os teares com lançadeiras (mais antigos) lado a lado aos teares a jato de ar (mais sofisticados).

"Esta convivência de equipamentos de idades tecnológicas diversas só é possível entender se observarmos a importância de outros mecanismos de competição no mercado interno, além da inovação tecnológica: políticas agressivas de "marketing", especialização em certas faixas de consumo mediante criação de "marcas tradicionais" e criação de firmas associadas no ramo de confecções" (22).

Disso é possível compreender que o progresso técnico, é apenas um dos fatores que afeta o desempenho das empresas deste setor. A ele agregam-se os chamados "mecanismos de competição". No próximo capítulo pretende-se avançar no sentido de um melhor entendimento desses "mecanismos".

(22) TAULE, José Ricardo. *op. cit.*, p. 54.

CAPÍTULO II

ESTRATÉGIAS DAS EMPRESAS DO SETOR TÊXTIL FRENTE AS OSCILAÇÕES DO MERCADO INTERNO

II.1 - INTRODUÇÃO

Neste capítulo, procede-se a análise dos tipos de estratégias que as empresas adotam frente às diversas situações de crise com as quais o setor têxtil (e a economia como um todo) se defronta periodicamente, principalmente nos anos mais recentes. Para tanto, foram utilizados dados pesquisados em revistas especializadas e publicações de associações de classe. Julgou-se ainda importante a realização de uma pesquisa de campo em algumas empresas do setor. Esta constou de entrevistas com questões seguindo um roteiro básico⁽²³⁾. Foram visitadas 10 empresas, pequenas, médias e grandes. Entre estas últimas algumas líderes de mercado (Rhodia, Toyobo, Cianê), o que possibilitou configurar a forma de atuação das empresas do setor. Visando um melhor entendimento das ações (ou reações) que constituem essa atuação, inicia-se o capítulo com uma breve descrição das diversas etapas que caracterizam o processo de transformação na indústria têxtil. Estas, de certa forma, condicionam o processo de tomada de decisões das empresas em relação às possíveis alternativas frente aos efeitos do comportamento irregular do consumo de têxteis.

(23) O roteiro encontra-se ao final do trabalho (Anexo I).

II.2 - SEGMENTOS PRODUTIVOS DO SETOR TÊXTIL

Pode-se citar três etapas fundamentais no processo de transformação de fibras têxteis em tecidos; fiação, tecelagem e acabamento. A transformação de fibras naturais em fibras têxteis, exige ainda uma etapa anterior à fiação, onde são separadas as fibras do seu material de origem, e desenvolvidas as operações de limpeza. Com o objetivo de uma maior compreensão do funcionamento das diversas fases do processo produtivo de têxteis apresenta-se, ao final do trabalho (Anexo II), um prospecto elaborado pela DUOMO, indústria têxtil, cedido pela empresa quando da pesquisa de campo.

Inicia-se a etapa de fiação, com a seleção das matérias primas a partir de critérios referentes ao comprimento, finura e resistência de fibra e tipo de algodão. Neste processo as fibras naturais e/ou sintéticas são torcidas até formarem fios contínuos com diâmetro pré-estabelecido. Após esta sequência de operações, as fibras são desembaraçadas e tornam-se flocos mais soltos. O algodão, agora em forma de rolo de mantos de batedores, vem passar pela operação de cardagem, isto é, completa-se a separação, paralelização e limpeza do algodão. Terminada esta etapa de cardagem, vai se optar pela fiação de fio cardado ou a fiação de fio penteado. A primeira alternativa resultará em um produto final classificado de qualidade inferior. Já na segunda, o algodão vai passar por uma série de operações que permitirá obter um fio mais regular e de qualidade superior. As etapas passam a ser comuns novamente, para os dois processos, após os passadores (máquinas para regularizar o material em peso por unidade de comprimento), e por fim passam às operações de estiragem (afinar o material) e paralelização das

fibras.

A tecelagem consiste na transformação dos fios em tecidos, passando por uma série de operações conforme a produção de malharia, tecidos planos ou "non-cooven". Após a etapa da fiação, os fios são enrolados em bobinas através das conileiras. Esta fase se subdivide em preparação do urdimento, isto é, reunir parte dos fios com um comprimento constante e pré-determinado para estabelecer o comprimento do produto final, e, consiste também na preparação de trama, isto é, os fios em conicais chegam nas espuladeiras, as quais os enrolam compactamente em cilindros de madeira que passarão para as lançadeiras.

Aqui inicia-se a fase de tecelagem. Os fios do urdume, colocados longitudinalmente, são entrelaçados com os fios da trama que são dispostos transversalmente.

A produção de "non-cooven" é distinto dos outros tipos, pois os produtos são obtidos pela união de fibras friccionadas, costuradas ou coladas. A preparação do véu se faz importante na produção. O "needle punching", que produz tecidos agulhados, é uma alternativa deste processo.

Agora, o tecido cru irá para a sua próxima fase. Esta fase de acabamento dará ao tecido uma melhor qualidade que o tornará adequado para a confecção. De início, o tecido passará pelo "verificador", que se responsabilizará em detectar os defeitos nos tecidos ou fios. Posteriormente, na chamuscagem o material é alisado, tem suas pontas cortadas, já a mercerização aumentará o brilho e tornará os tecidos mais permeáveis aos corantes. Os tecidos devem passar pelo alvejamento, caso necessitem receber cores claras. A partir daí, o tecido será tingido em uma máquina "trama", que dará certa impermeabilidade e maciez ao tecido. Define-se, então, sua largura. Completa-se o processo de acabamento quando o material passar pela "calandra universal", a qual melhorará a sua qualidade. Os tecidos de lã passarão pelas "navalhadeiras", objetivando um acerto no tama-

nho das fibras. E os tecidos sintéticos são enviados ao tingimento após uma rápida lavagem.

O segmento de malharia difere da tecelagem, na medida em que a passagem de uma laçada de fio através de outra laçada de fio resulta numa malha. Pode-se classificar as técnicas de malharia em dois tipos: a malharia de trama e a malharia de urdume. Na primeira, as evoluções de um fio em diversas agulhas produzem os tecidos, e na segunda, são diversos fios que vão produzi-lo⁽²⁴⁾.

Na etapa de confecção, predominam as técnicas tradicionais de produção, tanto para os pequenos quanto para os grandes capitais.

Percebe-se que dadas essas diferentes fases do ciclo produtivo de têxteis as possibilidades de diversificação são amplas e quase que uma consequência inevitável da atividade industrial (ou condição "sine qua non" para a sobrevivência) nesse ramo. Mas se são amplas, não são igualmente acessíveis. A diversificação para trás, seja da tecelagem para a fiação, seja da confecção para a tecelagem, principalmente no caso da primeira, exige um volume de capital significativo o que por sua vez pressupõe um certo grau de acumulação, o que certamente inviabiliza tal opção para determinadas empresas, em especial as de menor porte ou as que permanecem no mercado ao custo de um alto endividamento.

(24) MACARINI, J.P. e BIASOTO, Geraldo, *op. cit.*, p.18.

II.3 - O PAPEL DA DIVERSIFICAÇÃO

De início observa-se que frente às particularidades do setor, anteriormente expostas, as ações adotadas pelas empresas têxteis para superar, ou no mínimo amenizar, as flutuações de vendas características do setor em que se inserem assumem diversas formas, tais como:

- sofisticação de produtos a fim de atingir classes sociais mais altas, caracterizando o que no setor é chamado de produção para a moda;
- produção de têxteis mais baratos (ex.: tecidos lisos) com vistas às chamadas classes inferiores de renda;
- produção com matérias primas (fios) e acabamento (ex.: indigo blue) diferentes, chegando a configurar os chamados "surto da moda" (ex.: tergal verão, fio elanca, brim para a "era dos jeans") que permitem inclusive um fôlego adicional, mas de curta duração, a algumas das empresas mais frágeis (ou marginais) da indústria;
- vendas dos mesmos produtos em segmentos diferentes de mercado;
- mudança na textura e padronagem de tecidos (e aqui trata-se de diferenciação);
- opção por produtos que atendam aos requisitos exigidos pelo mercado externo, com o que as exportações passam a representar uma opção de diversificação (ex.: casimiras para exportação);
- fabricação de produtos que podem ser usados o ano inteiro (tecidos climatizados, ex.: linha clássica da

Santista)⁽²⁵⁾;

- entrada em novas indústrias e/ou setores da economia
- agricultura, particularmente produção de algodão ;
- serviços; informática; imobiliárias e serviços bancários (por exemplo: Banco Santista de Investimento).

De qualquer forma é possível afirmar que no conjunto essas ações podem ser entendidas enquanto uma estratégia de diversificação e/ou diferenciação. Aqui é importante ressaltar que os dois termos serão entendidos no sentido que lhes é atribuído por PENROSE⁽²⁶⁾ e que julga-se, é o que mais se adapta aos objetivos deste estudo. Para a autora uma empresa "diversifica sempre que, sem abandonar completamente suas antigas linhas de produtos, ela parte para a fabricação de outros, inclusive produtos intermediários, suficientemente diversos daqueles que ela já fabrica, e cuja produção implique em diferenças significativas nos programas de produção e distribuição da firma". Ou seja "novos" produtos que representem apenas pequenas alterações (aspecto, tamanho, embalagem, textura, padronagem, etc.), não significam necessariamente que a empresa diversificou a produção. Por outro lado, novos produtos que sejam substitutos próximos dos antigos (tecidos de fibras naturais, sintéticos ou artificiais, por exemplo) podem ser situados na categoria de diversificação.

O objetivo explícito, conforme as informações obtidas na pesquisa de campo, é o de aumentar a fatia no mercado nacional, e externo no caso de algumas empresas; atingir um padrão

(25) Informações colhidas em matéria sobre o grupo Moinho Santista. Reportagem de Bárbara Hartz para a "Revista da Indústria", Ano II, nº 3, setembro de 88, p.36/38.

(26) PENROSE, E. *The Theory of the Growth of Firm*, New York, J.Wiley and Sons. (Trad.Port.do cap.7: "A Economia da Diversificação", in RAE, vol. 19, nº 4, Out/Dez.1979, São Paulo, FGV, p.5.

superior de qualidade (com o uso de matérias-primas diferenciadas); e menores custos (e aí a verticalização é um fator importante). A diversificação se manifesta seja na diversificação de mercado, contemplando inclusive as exportações, seja na diversificação de produtos. Esta pode se traduzir em produtos com matérias-primas diferentes (algodão, sintéticos, artificiais); produtos para usos diversos: tecidos para decoração; tecidos de uso industrial (fabricação de pneus, revestimentos de automóveis); tecidos para adorno (cianinhas, rendas); estopas; sacarias; fitas de computador, etc.

A diversificação parece ser uma vocação (ou necessidade imperativa) dos empresários do setor têxtil. Na amostra pesquisada todas as empresas optaram, em determinado momento, pela diversificação nas suas mais diversas maneiras, como forma de crescimento ou mesmo para manter posições no mercado. Seguem alguns exemplos.

A empresa FANTEX S.A., que é voltada para fabricação de tecidos de camisas, está diversificando sua linha de produtos para atingir o mercado consumidor feminino e também está criando artigos que alcancem a classificação de produtos "Classe A". A DOLLO optou pela diversificação em direção ao chamado segmento de decoração que por sua vez permite um leque amplo de produtos.

Outra das empresas pesquisadas a Cianê, atende aos setores da moda masculina, feminina, infantil, cama, mesa e a indústria açucareira com sacarias de algodão cru, e está diversificando ainda mais seus produtos com a produção de seda artificial e tecidos emborrachados. Isto apenas no que se refere ao setor têxtil, sua atividade original. Fundada na década de 30, sob a denominação de Tecidos Sapopemba, a empresa hoje atua desde a fabricação de cimento, no setor de transportes e até no reflorestamento.

A Toyobo é outra empresa cuja tendência à diversifica-

ção de mercados e produtos - pode ser avaliada pelas várias atividades em que atua o que tem, segundo seu presidente⁽²⁷⁾, evitado que a empresa seja obrigada a demitir funcionários em épocas em que as vendas caem muito abaixo do que seria aceitável pela matriz.

Outra marca de expressão é notória pela opção pela diversificação é o Moinho Santista, cujo campo de "caça" é cada vez mais aberto, abarcando desde têxteis até seguros, informática e mais recentemente, Banco de Investimentos. "O conglomerado cresceu diversificando as suas atividades. Isso dá solidez, que não pára de crescer e está sempre atento a novas oportunidades" (28).

Cabe destacar ainda, no sentido de reforçar a importância da diversificação, que algumas empresas apesar de terem optado em um primeiro momento pela especialização, e que criaram tradição enquanto empresas "especializadas" (da qual se orgulhavam, e que as diferenciava no mercado), à medida em que os riscos derivados de uma tal decisão passaram a ser consideráveis e a ameaçar sua solidez financeira, passam a buscar na diversificação a forma de reduzir sua vulnerabilidade. Nesse caso inserem-se as empresas Feltrim Irmãos Cia. Inds. Têxtil S.A. e a Dollo. Ambas atuavam somente no setor de tecelagem, produzindo basicamente tecidos de moda para camisas. Ao terem a percepção da "saturação" do mercado nesse segmento optaram pela diversificação, apesar de todas as implicações advindas dessa decisão - reação dos concorrentes em outros segmentos; investimento em fixação de marca nesses novos segmentos; boatos sobre a suposta precária saúde financeira das empresas o que as teria obrigado a diferenciar, etc.

(27) Sr. Masashi Muramatsu, durante a entrevista.

(28) Sr. Sméril Stocco Vieira, presidente do conglomerado em entrevista à Revista da Indústria, Ano II, nº 13, p.38.

II-3.1 - IMPORTÂNCIA DA INTEGRAÇÃO VERTICAL

A integração vertical, para frente e para trás, ocupa em muitos casos, o lugar central no rol de possibilidades de diversificação. Isso fica claro quando se tem presente que a indústria têxtil, como já foi mencionado, é constituída de diversas etapas. Com isso, pode se ter empresas atuando em uma, em algumas ou em todas as fases do chamado ciclo produtivo dos têxteis. A amostra pesquisada oferece alguns exemplos significativos a esse respeito. Algumas empresas decidiram pela verticalização como forma de reduzir a vulnerabilidade em relação a fornecedores de matérias-primas e/ou distribuidores de produtos. Nesse caso, a verticalização vai estar voltada quase que exclusivamente para consumo próprio e/ou distribuição de produtos próprios. Pode-se citar a Cianê, que "vem desenvolvendo em conjunto com a CAISA e TAISA um projeto de aprimoramento de matéria-prima, através da criação de novas culturas de algodão, para a produção de uma fibra melhor e mais resistente, com o objetivo de alcançar a auto-suficiência no abastecimento de algodão para seu consumo próprio"⁽²⁹⁾. No caso da verticalização para frente deve-se citar a Feltrim. Em direção à distribuição, a empresa tem investido em uma rede de lojas varejistas de tecidos (de fabricação própria ou não) e confecção. A abertura de lojas além de ter a finalidade acima descrita, também vem dar suporte à firma em períodos de "crise". Pode-se notar que nos últimos 2 anos, o número de lojas dobrou (de 5 para 11) e são responsáveis por aproximadamente 60% do faturamento total da empresa. Para outros, a opção de se integrar verticalmente constitui a resposta individual aos constrangimentos com

(29) Sr. Dirceu Filho, diretor da Cianê, durante a entrevista.

os quais o setor frequentemente se defronta.

Assim, tecelagens se ampliam para a frente em direção à confecção e ao varejo (de tecidos e confecções) e para trás em direção à fiação e até mesmo, em alguns casos à produção de matérias-primas. Exemplo disso é a DUOMO "uma empresa verticalizada, portanto, engloba processos de fiação, engomagem, tecelagem, tinturaria, estamparia, acabamento e confecção. Isto proporciona a atuação da empresa em diferentes segmentos de mercado, como os de decoração, moda e vestuário, linha industrial - (roupas para profissionais), prestação de serviços e tecidos que atendem os órgãos públicos (polícia militar, marinha, etc.) ⁽³⁰⁾. Outro exemplo é a Toyobo que "desenvolve sua atividade verticalizada envolvendo a fiação, tecelagem, beneficiamento e confeccionados. E conta ainda com o apoio de empresas coligadas : Legnit Esporte, Têxtil Toyobo e GS Confecções (responsável pelas marcas G. Smash, Cerrutti e Benetton)" ⁽³¹⁾.

Assim sendo, a verticalização além de proporcionar melhor qualidade, pois não há preocupação com fornecedores de fios, (as empresas dependem da boa qualidade dos fios par a atingir boa qualidade nos produtos), permite um menor custo final do produto, pois vários "intermediários" são eliminados . Nota-se o número cada vez maior de empresas têxteis que optam pela verticalização como estratégia de mercado. Segundo o vice presidente da Dollo ⁽³²⁾ "a empresa tem um projeto de expansão junto ao BNDES que visa verticalizá-la. Este seria o caminho adotado para enfrentar as instabilidades no mercado dos têxteis". A importância dessa decisão fica mais evidente quando se tem presente que a empresa havia fixado marca como produtora especializada (tecidos para camisas).

(30) Sr. Eloy Carniatto, vice-presidente da DUOMO, durante a entrevista.

(31) Sr. Masashi Muramatsu, presidente da TOYOBO, durante a entrevista.

(32) Sr. José Dollo, durante a entrevista.

II-3.2 - A "MODA" ENQUANTO FORMA DE DIVERSIFICAÇÃO

A moda ⁽³³⁾ é um dos principais fatores que exercem influência sobre a tendência do setor têxtil sendo, em grande parte, responsável pela configuração do perfil que assume o consumo de produtos têxteis. Pode-se afirmar que, de certa forma, a moda evita, ou no mínimo atenua, as inflexões a que o setor, dadas as características anteriormente descritas, está estruturalmente sujeito. Isto porque permite que o consumo de produtos têxteis torne-se menos dependente do comportamento dos salários de base.

Atualmente já é significativa a presença de tecelagens voltadas especificamente para a "moda". Este é o caso da Feltrim, que atua somente no ramo de tecelagem (basicamente tecidos para camisas), e tem sua produção voltada para a "m o d a" atual. Isto levou a empresa a contratar técnicos especializados para o desenvolvimento de produtos e criação de padronagens, com pesquisas feitas no exterior, principalmente na Europa. Outro exemplo é a empresa Distral que adota, como estratégia para superar a crise, investimentos na denominada "moda". A decisão foi tomada após um período negativo para a empresa (81/84) que chegou a ameaçar sua sobrevivência. Decisão tomada, contraiu-se um novo gerente de vendas com o objetivo de dar ênfase à linha de produtos que envolve, inclusive, a fabricação de tecidos exclusivos para confecções. Isso proporciona uma "confor-

(33) A moda, no sentido aqui utilizado (e que é o entendimento corrente no setor têxtil), significa não a forma atual do vestuário. Passa por uma evolução contínua de pouca duração, e é dirigida para o uso específico de determinadas pessoas e/ou classes sociais (ex.: tecidos p/confeccionistas de griffe). Nesse sentido, não pode ser confundido com os "modismos" que caracterizam o consumo de têxteis.

tável" redução da vinculação com o segmento mais competitivo de tecidos que é o comércio varejista. Este, todavia, segundo os empresários, desempenhou o papel de "tábua de salvação" durante o período mais agudo da crise do setor. Como vantagem adicional, a linha de tecidos para a moda permite uma maior flexibilidade no que se refere ao repasse dos custos para os preços "... afinal quem quer qualidade e exclusividade não olha preços". Na medida em que a empresa passa a privilegiar a produção de tecidos voltados para a moda, a qualidade torna-se um item intrínseco ao produto, e fundamental para sua comercialização. Na Distral o controle de qualidade assume "status" de departamento, sendo responsável pelo acompanhamento do processo de produção desde a tecelagem até a estamparia e tinturaria. A empresa Dollo mantém um rígido controle de qualidade em todas as fases de produção, principalmente no ramo da decoração, que requer laboratórios equipados e fios "especiais". Para o diretor-presidente da FANTEX, a qualidade do produto é determinada principalmente na fase de acabamento. O aprimoramento da qualidade se dá através de relatórios advindos do Japão, Europa e América, informando sobre a moda e matérias-primas de diversas partes do mundo.

Por outro lado o fator moda exerce alto poder explicativo sobre o comportamento de consumo das diversas fibras têxteis: naturais, artificiais, sintéticas.

As fibras naturais sempre tiveram posição de supremacia no consumo industrial de fibras têxteis. No início da década de 60, estas fibras participavam com cerca de 87% no mercado, nas quais destacavam-se o algodão, responsável por cerca de 60% do consumo. Já nos anos 70, a participação de fibras naturais caiu para cerca de 78% tendo como uma das causas a queda na safra Nordestina do algodão ⁽³⁴⁾. A partir de 81 aumentou para

(34) BANAS - Brasil/Indústria 75/76, p.157.

cerca de 76% (Tabela VII). Isto se dá graças à queda da participação das fibras sintéticas e artificiais no total do consumo industrial no período. Mas em nenhum dos momentos ficou ameaçada, de qualquer forma, a soberania das fibras naturais e mais em particular do algodão, e não parece haver tendência muito forte em contrário.

As fibras artificiais, têm como matéria-prima a celulose, nas quais destacam-se o rayon acetato e o rayon viscose, e tiveram (sempre em função dos "caprichos da moda", entre outras coisas) sua participação reduzida ao longo dos anos. Em períodos de auge na década de 60, chegou a representar 11,7% no consumo industrial, e caiu para 3,6% em 1987 (Tabela VII). Esta perda da participação deve-se fundamentalmente ao desempenho ascendente das fibras sintéticas, que têm como matéria-prima os subprodutos do petróleo, principalmente poliéster e nylon. Estes aumentaram sua importância no total do consumo industrial de fibras, devido principalmente à sua praticidade: o tecido não amassa e o caimento é perfeito. Para fixar essas características foram criadas campanhas publicitárias que se tornaram famosas. A década de 70 foi sem dúvida a época do arranque das fibras sintéticas (chegam a representar 25,9% em 1977). Nos anos 80 perdem um pouco a participação. A importância da moda volta a ficar clara em 1988, ano em que a tendência que se verificou no aumento do consumo das fibras artificiais, principalmente a viscose, deve ser atribuída ao "modismo" dos tecidos com brilho.

Em suma, o surgimento e desenvolvimento na indústria têxtil de um "sub setor" voltado especificamente para os chamados tecidos de "moda" evoluiu de um "nicho" para um verdadeiro "filão" que atrai mais e mais empresas do setor, o que evidentemente, estreita seus próprios limites. De qualquer maneira, a "moda" entendida enquanto uma das possibilidades de diversificação (ou mais corretamente de diferenciação nos termos de PEN

ROSE) para o setor representa uma "saída" na medida em que amplia o potencial de mercado para produtos têxteis.

II.4 - O PAPEL DAS EXPORTAÇÕES

Embora a exportação possa ser enquadrada no conjunto de medidas que configuram uma estratégia de diversificação, dadas suas particularidades é conveniente dedicar um espaço à sua análise.

O que se percebe é que, de forma geral, as empresas têxteis não vêm-se empenhando em definir estratégias voltadas especificamente para a exportação, não tendo para tal uma política, claramente definida. Na verdade, a exportação é utilizada mais como uma "saída de emergência" para as contingências negativas do mercado interno. Alguns dos relatos quando da pesquisa de campo, servem de ilustração nesse sentido.

Segundo o diretor da FANTEX S.A., Sr. Tatsushi Yamanaka: "Muitas empresas adotam a exportação como saída para períodos de crise interna, dadas as oscilações do mercado nacional, caso contrário as empresas teriam que reduzir pessoal e produção e até parar teares".

Por outro lado não deixa de ser significativo que o atraso dos equipamentos têxteis no Brasil, faz com que os preços e a qualidade dos tecidos tornem os produtos têxteis brasileiros menos competitivos a nível internacional. Deve-se considerar que o mercado externo, principalmente os grandes importadores (USA, RFA, Canadá, Itália), é bastante exigente com a qualidade dos produtos têxteis. Constatou-se que na maioria das empresas pesquisadas, o número de teares com lançadeiras supera os teares sem lançadeiras, o que vem comprovar a precariedade do parque nacional.

Conforme o Sr. Dirceu Filho, da Cianê: "O alto custo dos tecidos, consequência da obsolescência dos equipamentos, compa

rativamente com China, Korea, dificulta ainda mais as exportações dos têxteis". Isso levou a empresa a optar pela exportação de "panos largos" (linha de cama e mesa). Outras empresas como a Fantex por exemplo, recorrem às importações de fios para atingir uma melhor qualidade do produto final que será exportado. Outras ainda, como é o caso do Moinho Santista, vêm investindo em modernização visando claramente "o fornecimento para novos mercados tais como o Japão recentemente conquistado" (35). A empresa aguarda 15 teares da mais alta tecnologia para completar essa fase de investimentos. O resultado disso é que "Ao lado de nossas lãs, as casimiras da Santista, exportadas há 12 anos, competem com as tradicionais, na Inglaterra, nos Estados Unidos e no seu próprio país" (36). Durante as entrevistas foram citados outros fatos que dificultam as exportações de tecidos, entre eles a falta de incentivos governamentais o comportamento do empresariado têxtil. Em relação a este último, alega-se que em períodos de forte demanda interna muitas empresas deixam até mesmo de cumprir seus compromissos no mercado externo. Assim sendo, os exportadores vão perdendo a credibilidade perante os seus clientes internacionais.

Poucas são as empresas que procuram manter seus compromissos, isto é, têm como política destinar ao mercado externo uma porcentagem da exportação da produção. Nesse caso inserem-se a Toyobo e o Grupo Santista. Segundo o presidente da primeira:

"A Toyobo tenta manter seu percentual de exportação", e ainda: "Muitas empresas não têm claras suas políticas para exportação, ou seja, quando o mercado interno está aquecido elas esquecem as exportações. Então o cliente externo deixa de confiar. Isso não acontece com nossa empresa pois temos um

(35) VIEIRA, Sméril Stocco, *op. cit.*, p.37.

(36) ALTENFELDER, Ray Martins. "Revista das Indústrias", *op. cit.*, p.37.

compromisso com nossos clientes. E mesmo quando há mudanças de mercados tentamos manter essas relações comerciais com a exportação" (37).

Com isso concorda o presidente do Moinho Santista:

"Temos como estratégia a exportação permanente de 25% da produção têxtil. Esse objetivo atende ao mercado interno porque permite absorver as oscilações registradas de demanda doméstica evitando sacrificar preços e mantendo as fábricas funcionando em tempo integral. Neste ano (1988) o mercado interno caiu, fazendo com que as exportações subissem para 40%. Quando voltar ao normal, eles retornarão aos 25% de produção global" (38).

Caso extremo é o da FILOBEL, empresa do Banco Safra, que adota a política de exportar 100% de sua produção. A decisão foi tomada como forma de fugir de vez às instabilidades do mercado interno. Dessa forma, diz o representante da empresa, a empresa consegue operar com menor incerteza, maior lucratividade o que vem lhe permitindo (e lhe é cobrado) manter-se atualizada tecnologicamente.

Em suma, remetendo às considerações de TAUILE⁽³⁹⁾, a melhoria do desempenho exportador num mercado competitivo como o têxtil, depende da capacidade do país de produzir tecidos de boa qualidade e baixos custos unitários. No caso dos países em desenvolvimento, a tentativa de manter a competitividade externa no longo prazo deve vir no sentido das empresas intervirem acompanhando o padrão de automação microeletrônica em curso nos países desenvolvidos.

(37) Sr. Masashi Muramatsu, durante a entrevista.

(38) VIEIRA, Sménil Stocco, *op. cit.*

(39) TAUILE, J.R. *op. cit.*, p.56.

II.5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão de dados relativos à trajetória da indústria têxtil ao longo das duas últimas décadas (70 e 80) aponta para a relação de dependência com o comportamento da economia como um todo, e em particular, com variáveis (massa salarial e distribuição de renda, por exemplo), que estão fora da órbita da decisão interna das empresas individualmente. Talvez por essa razão observou-se, quando das entrevistas com dirigentes do setor, que se há unanimidade quanto aos efeitos negativos das crises e a "urgência de mudanças", o mesmo não ocorre quando se trata de avaliar as possíveis respostas que cada empresa pode formular. Apesar disso, foi possível captar um certo "desânimo" em relação às medidas de política econômica. Isso vale notadamente para aquelas enquadradas como medidas relativas ao crédito e às exportações. Percebeu-se, também, um alto nível de incerteza quanto ao futuro próximo do setor e da economia em geral. Isso exerce um efeito inibidor sobre as decisões de investimento.

Nota-se que a ampliação dos investimentos, em geral, está fora dos planos de curto e médio prazo. A opinião dos empresários é de que "apesar de haver um leque de investimentos a realizar, o montante de recursos exigidos extrapola as expectativas em relação às taxas previstas de lucros". Os investimentos que estão sendo planejados voltam-se basicamente para a modernização de equipamentos, mas apenas naqueles casos em que é considerada essencial para o alcance dos objetivos, ou seja, é parte integrante das ações pelas quais as empresas optaram. Esse é o caso típico das empresas que tendo uma política definida em relação às exportações, têm como meta a ampliação de

sua participação no mercado externo. De fato, poucas vezes foi citado que a tecnologia tem influência na qualidade do produto. Como determinantes desta foram apontados a padronagem, o acabamento e a qualidade da matéria-prima, em especial os fios. Algumas empresas alegaram ter de importar fios para não comprometer a qualidade do produto final.

Dado o exposto torna-se válido afirmar que as empresas buscam caminhos alternativos, mas preferem "os caminhos d a s pedras" - aqueles que, ao menos aparentemente, se apresentam como os de menor custo e risco. Nesse sentido são descartadas na maioria dos casos, opções que requeiram maiores investimentos de imediato. A diversificação, tal qual adotada em boa parte das empresas pesquisadas, parece incluir-se no rol das "boas opções", só que trazem consigo um risco que, embora não apareça de imediato, pode ter conseqüências desastrosas para os resultados esperados. Se uma empresa diversifica em direção a um determinado produto e é bem sucedida, o efeito "imitação" logo se faz presente, configurando as "ondas" ou "modismos". Evidentemente as últimas empresas a aderirem à "novidade" estarão fadadas ao fracasso e poderão até ser "expulsas" do mercado. Foi assim, dizem os empresários, com o tergal verão, que levou muitas empresas a uma situação pré, ou falimentar, de tal forma que é sempre citada como exemplo.

A opção circunstancial pelas exportações não foge muito das considerações anteriores e sequer poderia ser classificada como uma estratégia, aproximando-se muito mais de uma decisão do tipo "última alternativa". Distante disso, estão as exportações que fazem parte de uma política de longo prazo das empresas e que podem se tornar indutoras da introdução de inovações tecnológicas.

É evidente que pode haver outras "saídas" mas, sem dúvida, a diversificação e as exportações são as que mais vêm sendo utilizadas ao longo da evolução do setor. É importante ob-

servar que em qualquer dos dois casos a defasagem tecnológica exerce um peso indiscutível na medida em que se reflete em menor produtividade, comprometendo a competitividade a nível internacional e mesmo dificultando a acumulação de recursos que são necessários à diversificação.

A indústria têxtil, até agora, vem podendo, em certo grau, prescindir da introdução de inovações tecnológicas. O argumento é o de que o padrão de competição que a caracteriza passa por outras variáveis tais quais a concorrência em marca, a diversificação, a diferenciação de produtos, etc. Todavia, à medida em que a introdução de inovações se difunde, esse argumento vai perdendo consistência. Não que as variáveis competitivas citadas deixem de ter peso, apenas este é reduzido e a tecnologia pode passar de "mais um fator" à condição de variável competitiva central, notadamente quando se trata de concorrência no mercado internacional. Aparentemente, as empresas têxteis (e nas chamadas "líderes" isso já é um fato) estão tomando consciência do papel relevante e da inevitabilidade que cabe aos investimentos em modernização tecnológica, mesmo em se tratando de uma indústria tradicional, tal qual a têxtil. À medida em que houver a "difusão" de tal conscientização muito provavelmente os resultados da formulação de estratégias de diversificação e de exportações assumirão um novo contorno.

- BIBLIOGRAFIA -

- BIBLIOGRAFIA -

- CTAE. *As Pequenas e Médias Empresas Industriais no Estado de São Paulo - Seu Desenvolvimento Recente - 1979*, Campinas, UNICAMP (mimeo), 1980.
- GONÇALVES, Carlos Eduardo N. (org.). *Tamanho e Estrutura Regional da Indústria de Transformação Brasileira: As Pequenas e Médias Empresas (1970-75)*, Campinas, UNICAMP.
- INSTITUTO DE ECONOMIA. *Estudo da Estrutura Industrial Paulista*, Campinas, UNICAMP, 1985.
- MACARINI, Pedro e BIASOTO, Geraldo. *A Indústria Têxtil Brasileira*, Convênio UNICAMP/IE/SICCT, Campinas, 1985.
- MALAN, Pedro S. e BONELLI, Regis. *Crescimento Econômico, Industrialização e Balanço de Pagamento: O Brasil dos Anos 70 aos Anos 80*, Rio de Janeiro (mimeo), 1983.
- MASSEI, William. *Caracterização e Desempenho do Setor Têxtil no Brasil - 1970 a 1980*, Campinas, UNICAMP (mimeo), 1980.
- PAUL, E.F.A. *Reorientation of the Tradicional Textile Industry in Brazil*, S.P. (mimeo), 1972.
- PENROSE, E. *The Theory of the Growth of Firm*, New York. J. Wiley and Sons. (Trad. Português do cap.7): "A Economia da Diversificação", in RAE, vol.19, nº 4, São Paulo, FGV, Out/Dez.1979.
- PND (1º) - NR, Brasília (mimeo), 1986.

- RATTNER, H. (org.). *Pequena Empresa. O Comportamento Empresarial na Acumulação e na Luta pela Sobrevivência*, S.P., Brasiliense, 1985.
- SOUZA, M.Carolina A.F. e MAZZALI, Leonel. *Considerações sobre o Mercado para Tecidos*, Campinas, UNICAMP (mimeo), 1980.
- STEIN, S.J. *Origens e Evolução da Indústria Textil no Brasil - 1850-1950*, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1979.
- SUZIGAN, Wilson. *Retrospectiva 1985*, Campinas, UNICAMP (mimeo), 1986.
- TAUILE, J. Ricardo. *"Automação e Competitividade: Uma avaliação das Tendências no Brasil"*, Rio de Janeiro, Universidade Federal, 1987.
- TAVARES, M.C. e BELLUZZO, L.G.M. "Notas sobre o Processo de Industrialização Recente no Brasil", in: RAE, Rio de Janeiro, FGV, 1979.
- ——— e LESSA, Carlos. *O Desenvolvimento e a Política Industrial da Década de 70 - Impasses e Alternativas*. (Sem referência).
- WERNECK, D.F.F. e BONELLI, Regis. "Desempenho Industrial: Auge e Desaceleração nos Anos 70", in: *Indústria: Política e Desenvolvimento*, Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1978.

- PERIÓDICOS -

- BANCO CENTRAL - *Relatórios*, diversos números.
- CACEX - *Brasil-txportação*, diversos números.
- GAZETA MERCANTIL - *Balanço Anual*, diversos números.
- CARTA TÊXTIL - XXXVI FENIT - Edição Especial.

- REVISTAS -

- . Indústria e Desenvolvimento, diversos números.
- . Costura Industrial, diversos números.
- . Exame, diversos números.
- . Indústria e Produtividade, diversos números.
- . Senhor, diversos números.
- . Revista Têxtil, nº 4, 1988.

- APÊNDICE ESTATÍSTICO -

TABELA I

-A-
SALÁRIO MÍNIMO REAL

Ano	Salário mínimo real Valor em cruzados (1)
1969	1.066,76
1970	1.085,64
1971	1.038,92
1972	1.020,30
1973	934,99
1974	858,07
1975	896,26
1976	890,46
1977	927,94
1978	955,95
1979	965,25
1980	973,00
1981	997,64
1982	1.039,82
1983	883,59
1984	819,55
1985	838,53
1986-jan.	691,14
-fev.	608,99
-março	804,60

Fonte: DIEESE

-B-
RAÇÃO ESSENCIAL
- Médias Anuais

Ano	Tempo de trabalho	% da jornada mensal
1969	110h 24m	46,00%
1970	105h 12m	43,84%
1971	111h 47m	46,57%
1972	119h 07m	49,63%
1973	147h 04m	61,28%
1974	163h 33m	68,14%
1975	149h 39m	62,36%
1976	157h 30m	65,62%
1977	141h 52m	59,11%
1978	137h 37m	57,34%
1979	153h 04m	63,78%
1980	157h 22m	65,57%
1981	149h 40m	62,36%
1982	131h 22m	54,74%
1983	176h 33m	73,56%
1984	194h 39m	81,10%
1985	177h 44m	74,05%
1986-jan.	211h 53m	88,28%
-fev.	242h 55m	101,22%
-março	175h 28m	73,11%

Fonte: DIEESE

TABELA II - BRASIL - EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS TÊXTEIS MANUFATURADOS-1970/1986

	(US\$ 1.000)													
	1970	1971	1972	1973	1976	1977	1979	1980	1982	1983	1984	1985	1986	1987
os e Fila- mentos	13.346	19.959	46.143	97.101	126.579	179.853	202.734	245.153	229.854	302.793	376.005	274.345	212.857	332.275
elões	13.269	20.656	46.702	98.344	76.428	108.526	185.506	170.443	149.142	210.883	278.815	200.789	202.850	207.856
infecções	5.053	12.869	36.810	98.274	126.404	124.962	158.147	182.730	155.433	154.953	277.359	272.735	296.960	333.731
ufaturas versas	3.176	3.208	5.250	11.014	67.542	87.153	136.481	160.691	123.708	149.013	198.762	134.289	124.991	131.516
TOTAL	34.844	56.692	134.905	304.733	396.953	500.494	682.868	759.017	658.137	817.642	1.130.941	882.158	837.658	1.005.38

FONTE: SINDICATO DA INDÚSTRIA DE FIAÇÃO E TECELAGEM EM GERAL, NO ESTADO DE SÃO PAULO.
CACEX

TABELA III - TAXAS REAIS DE VARIAÇÃO ANUAL DO PIB

Ano	Agricultura	Indústria	Comércio	Global
1970	1,0	10,4	—	8,8
1971	11,4	14,3	—	13,3
1972	4,1	13,4	12,7	11,7
1973	3,6	16,3	12,9	13,6
1974	8,2	9,2	9,7	9,7
1975	4,8	5,9	2,7	5,4
1976	2,9	12,4	7,3	9,7
1977	11,8	3,9	4,7	5,7
1978	-2,6	7,2	4,2	5,0
1979	5,0	6,4	5,4	6,4
1980	6,3	7,9	6,8	7,2
1981	6,4	-5,5	-2,8	-1,6
1982	-2,5	0,6	0,9	0,9
1983	2,2	-0,8	-3,5	-3,2
1984*	3,2	6,0	2,4	4,5
1985*	8,8	9,0	8,7	8,3

*Dados preliminares

Fonte: Relatório do Banco Central, 1985.

TABELA IV

BRASIL - CONSUMO INDUSTRIAL DE FIBRAS TEXTÉIS (1)

(EM 1.000 TONELADAS)

A N O	N A T U R A I S						A R T I F I C I A I S			S I N T É T I C A S					TOTAL GERAL	TAXA DE CRESCIMENTO
	ALGODÃO	LA LAVADA	LINHO RAMI	SEDA (fio)	JUTA	TOTAL	ACETATO	VISCOSE	TOTAL	NYLON	POLIESTER	ACRÍLICO	OUTRAS (2)	TOTAL		
1.963	274,8	12,4	7,8	0,1	56,0	351,1	5,4	33,7	39,7	8,6	2,1	0,1	-	10,8	401,0	-
1.964	267,7	8,7	9,2	0,1	63,3	349,0	6,0	34,8	40,8	9,6	3,2	0,1	-	12,9	402,7	0.40
1.965	270,3	7,9	10,5	0,1	74,6	363,4	5,9	32,4	38,3	10,6	3,9	0,1	-	14,6	416,3	2.40
1.966	263,0	6,3	14,8	0,1	58,8	343,0	7,0	38,9	45,9	13,4	6,1	0,4	-	19,9	408,8	-1.00
1.967	270,0	9,1	14,0	0,1	63,5	356,7	8,1	37,6	45,7	13,8	6,3	4,2	-	24,3	426,7	4.30
1.968	283,5	10,8	19,0	0,1	64,0	377,4	8,9	46,2	55,2	20,3	11,4	4,9	0,1	36,7	469,3	9.92
1.969	288,6	11,0	20,0	0,1	51,5	371,2	8,4	40,7	49,1	18,7	14,5	4,9	0,7	38,8	459,1	-2.13
1.970	291,3	13,8	23,0	0,1	76,7	404,9	8,6	42,0	50,6	28,7	22,5	8,7	1,6	61,5	517,0	12.61
1.971	296,1	15,6	24,0	0,1	62,7	398,5	8,7	49,2	57,9	30,9	37,2	10,1	2,7	82,1	538,5	4.15
1.972	325,0	15,2	25,7	0,1	79,4	445,4	8,7	43,8	52,5	39,1	48,6	14,7	4,0	106,4	604,3	12.21
1.973	379,3	13,0	21,1	0,1	106,0	519,5	9,5	51,3	60,8	46,8	63,8	18,2	13,1	141,9	722,2	19.51
1.974	397,0	11,0	20,0	0,1	94,8	522,9	8,9	52,4	61,3	57,6	74,4	21,1	14,8	167,9	752,1	4.14
1.975	420,0	8,9	18,5	0,1	107,7	555,2	6,6	42,3	48,9	60,6	67,6	15,9	20,2	163,9	768,0	2.11
1.976	467,5	14,5	15,5	0,12	96,1	593,7	6,6	47,1	53,7	68,7	85,3	20,3	23,3	195,6	843,0	9.36
1.977	452,6	11,1	13,5	0,26	85,3	562,8	6,3	43,2	49,5	75,9	87,2	18,8	33,0	214,9	827,2	-1.84
1.978	510,0	13,7	8,9	0,30	75,0	607,9	4,3	41,1	45,4	74,0	91,9	18,4	40,5	224,8	878,1	6.15
1.979	552,5	16,6	15,8	0,43	97,5	682,8	3,3	45,3	48,6	82,7	111,1	26,0	(3)	219,8	951,2	8.32
1.980	572,4	18,4	18,3	0,44	109,7	719,2	4,6	44,2	48,8	90,8	121,1	28,5	(3)	240,4	1.008,4	6.01
1.981	561,9	16,3	14,1	0,36	94,0	686,7	3,0	39,1	42,1	70,0	89,7	23,4	(3)	183,1	911,9	-9.36
1.982	580,6	17,5	9,1	0,49	85,9	693,6	2,3	39,1	41,4	69,9	100,2	23,1	(3)	193,2	928,2	1.78
1.983	556,7	13,2	10,0	0,30	62,9	643,1	1,7	30,0	31,7	61,1	89,4	18,9	(3)	169,4	844,2	-9.04
1.984	555,2	14,7	13,3	0,24	78,6	662,0	1,9	34,3	36,2	55,9	90,3	17,5	(3)	163,7	861,9	2.09
1.985	631,4	14,2	13,6	0,35	88,5	748,1	2,3	35,5	37,8	62,0	107,2	23,5	(3)	192,7	978,6	13.53
1.986	736,5	13,4	13,2	0,51	88,7	852,3	2,4	40,1	42,5	85,5	126,1	26,5	(3)	238,1	1.132,9	15.36
1.987	774,7	14,7	19,3	0,53	98,9	908,1	1,9	41,0	42,9	81,0	136,6	27,8	(3)	245,3	1.196,3	5.59

FONTE: Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral, no Estado de São Paulo.-

OBS:- (1) - Fibras não consideradas por indisponibilidade de dados - Guaxima, Sisal, Tucum e Carotã

(2) - Olefinicas e Elastômeros (LYCRA)

(3) - Indisponibilidade de Informações

TABELA V

FALÊNCIAS E CONCORDATAS EM SÃO PAULO - SP

RAMOS INDUSTRIAIS	CONCORDATAS								FALÊNCIAS							
	REQUERIDAS				DECRETADAS				REQUERIDAS				DECRETADAS			
	1.984	1.985	1.986	1.987	1.984	1.985	1.986	1.987	1.984	1.985	1.986	1.987	1.984	1.985	1.986	1.987
MINERAIS NÃO METÁLICOS	4	2	-	2	4	2	-	-	37	29	9	18	7	5	4	2
METALURGIA	22	11	2	18	24	9	1	9	167	109	55	93	38	31	18	18
MECÂNICA	9	6	-	13	12	5	-	12	61	70	18	52	14	14	8	6
MATERIAL ELÉTRICO E DE COMUNICAÇÕES	10	3	1	17	8	3	-	14	41	39	32	53	10	10	4	6
MATERIAL DE TRANSPORTE	1	-	1	1	2	-	-	1	15	6	2	2	-	2	1	1
MOBILIÁRIO	12	2	-	11	14	2	-	6	82	44	18	36	15	21	4	7
PAPEL E PAPELÃO	2	2	1	4	3	2	-	-	21	10	8	11	5	6	3	2
COUROS, PELES E PRODUTOS SIMILARES	3	1	-	5	0	0	1	3	26	20	12	24	6	6	4	4
QUÍMICA	11	1	2	6	7	4	2	5	32	18	13	20	6	10	6	6
PRODUTOS FARMACÊUTICOS E MEDICINAIS	-	2	-	3	-	2	-	-	9	9	1	11	-	2	1	2
PRODUTOS DE MATÉRIAS PLÁSTICAS	7	2	1	12	8	3	1	10	38	43	19	30	8	8	4	9
TÊXTEIS	15	3	2	11	15	5	1	8	26	28	7	18	8	13	2	3
VESTUÁRIO, CALÇADOS E ART. TECIDOS	14	10	5	57	16	6	4	39	89	77	100	253	21	23	13	52
PRODUTOS ALIMENTARES	11	5	1	22	9	4	2	16	102	90	85	68	13	13	9	14
EDITORIAL E GRÁFICA	14	5	-	12	10	7	1	7	142	98	60	91	24	32	17	6
OUTROS	10	2	-	15	11	1	-	6	98	67	29	61	11	19	9	9
TOTAIS.....	145	57	16	209	143	55	13	136	986	757	468	841	186	215	107	147

FONTES:- ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO

SINDICATO DA INDÚSTRIA DE FIAÇÃO E TECELAGEM EM GERAL, NO ESTADO DE SÃO PAULO

TABELA VI
BRASIL - IMPORTAÇÃO EFETIVA DE MÁQUINAS TÊXTEIS - 1971/1987

	1971		1972		1973		1974		1975 (3)		1976 (3)	
	QUANT (1)	VALOR (2)	QUANT	VALOR	QUANT	VALOR	QUANT	VALOR	QUANT	VALOR	QUANT	VALOR
A- MÁQ. E APARELHOS P/ EXTRUSÃO, PREPA RAÇÃO, FIAÇÃO E TORÇÃO DE MAT. TÊXTEIS		132675		151929		160184		194697		226093		142758
1- P/EXTRUSÃO	100	17281	36	6098	90	5072	35	6493		6332		5951
2- P/CORTE, RUPTURA E PREP. DE FIBRAS	42	4799	48	6275	58	14398	67	9909		5251		2481
3- DESCAROÇADEIRAS E DESLIMIADEIRAS	25	494	3	50	3	54	1	56		86		-
4- ABRIDORES E BATEDORES	89	2709	47	3350	97	3183	62	5524		5460		8276
5- CARDAS	305	11129	211	9814	101	8524	338	14950	391	16759	440	18829
6- PENTEADEIRAS	68	2815	81	4010	49	2723	123	4431	103	6033	62	3603
7- MASSAROQUEIRAS	86	5764	118	8607	52	4270	64	4161	229	11489	185	9283
8- FIADEIRAS E FILATÓRIOS	285	12907	214	13761	154	8106	331	19979	627	44201	342	24060
9- RETORCEDEIRAS	142	14435	141	24151	190	32958	170	21851		18649		7520
10- BOBINADEIRAS AUTOMÁTICAS OU NÃO	227	17373	325	28458	314	28966	700	45197	816	34725	401	17073
11- OUTRAS MÁQUINAS, PARTES E PEÇAS		42969		47355		51930		62146		77108		45682

(CONTINUA)

INT. TABELA VI

	1971		1972		1973		1974		1975 (3)		1976 (3)	
	QUNT. (1)	VALOR (2)	QUNT. VALOR		QUNT. VALOR		QUNT. VALOR		QUNT. VALOR		QUNT. VALOR	
B- MÁQ. PARA TECEL, PREPARADORAS P/ TECELAGEM, TINGIMENTO, COSTURA, ETC.		107996		163588		195198		212699		220786		136123
1- ENCRUPELADORAS	2	391	5	446	5	729	5	716		1268		1312
2- UCRUPELADORAS	40	1540	40	1929	50	2525	65	2756		2583		1836
3- TEARES SEM LANÇADEIRAS	462	15033	599	22061	616	25541	430	16177	615	31118	569	28772
4- TEARES RETILÍNEOS P/JERSEY	155	6197	258	9239	305	7513	259	6977		7548		5465
5- OUTROS TEARES		15632		15023		7475		25235		43302		28696
6- TEARES CURCULARES P/MALHARIA	241	11690	642	38834	1116	60641	1000	46756	788	27434	210	7328
7- MÁQUINAS DE COSTURA INDUSTRIAIS	20463	14625	27529	18144	40201	28162	43217	31559		27941		22088
8- OUTRAS MÁQ., PARTES E PEÇAS		42888		57912		62612		82523		79590		40626
C = A + B		240671		315517		355382		407396		446877		278881

(CONTINUA)

CONT. TABELA VI

	1977		1978		1979		1980		1981		1982	
	QUANT	VALOR	QUANT	VALOR	QUANT	VALOR	QUANT	VALOR	QUANT	VALOR	QUANT	VALOR
A- MÔQ. E PART. P/EXTRUSÃO, FIBRAÇÃO, FIBRÃO E TORÇÃO DE MAT. TÊXTEIS		90524		92166		88260		90166		55077		35105
1- P/EXTRUSÃO	53	4426	67	3976	7	2786	11	2768	10	1549	10	5648
2- P/CONF. SUP. E PREP. FIBRAS	53	5736	23	1319	77	8730	7	854	6	498	1	41
3- DESCARÇAD. E DESLINTADEIRAS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4- ARBITORES E BATEDORES	28	4048	10	696	27	1625	27	1504	26	1056	2	50
5- CORDAS	69	5394	118	9402	117	9376	125	7800	93	5411	21	1031
6- FENTEDEIRAS	26	2876	64	6482	36	3095	50	4300	18	918	17	559
7- MASSAQUEIRAS	21	2490	19	2941	18	2476	36	3560	16	1465	6	296
8- FINEIRAS E FILADEIRAS	24	5797	38	6308	93	6752	43	5458	45	5744	37	3187
9- RETORQUEIRAS	32	3634	178	8240	9	589	31	1618	15	610	25	825
10-ROBINHETAS AUTOM. OU MÃO	191	15235	293	18040	536	16492	289	18081	164	10952	92	5911
11-OUTRAS MÔQ., PARTES E PEÇAS		40888		34762		36339		44223		26824		17283

(CONTINUA)

CONT. TABELA VI

	1977		1978		1979		1980		1981		1982	
	QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR
5- MAQ. P/TELER, PREPARA TÓRIAS P/TECELAGEM, TINGIM., COSTURA, ETC		72269		89183		103975		116286		69483		61241
1- ENXIMADEIRAS		-		-		-	1	257	-	-	-	-
2- UROIDEIRAS	7	584	5	655	6	707	12	1517	6	510	10	838
3- TEARES S/LANÇADEIRAS	347	11794	94	6685	260	10207	383	22626	391	21308	302	10091
4- TEARES RETILIN. P/JERSEY	48	2303	35	1103	-	6059	-	606	12	376	43	826
5- OUTROS TEARES		2417		1363		4212	27	9222		1769		3690
6- TEARES CIRCUL. P/MALHAR	59	891	35	852	131	4559	310	8701	253	5208	329	5149
7- MAQ. DE COSTURA INDUST.	38475	18486	52037	31594	52020	32697	33445	23029	9226	6626	14379	12281
8- OUTRAS MAQ. PART. E PEÇ.		35794		46931		45534		50328		33686		28366
C = A + B		162793		181349		192235		206452		124510		96346

NOTAS: 1) QUANTIDADE EM UNIDADES

2) VALOR EM US\$ 1.000 DE 1983

3) AS QUANTIDADES DE MÁQUINAS PARA ESTES DOIS ANOS FOI ESTIMADA A PARTIR DO TOTAL DE IMPORTAÇÕES ENTRE 1975 e 1976.

4) IMPORTAÇÃO AUTORIZADA.

FONTE: SINDICATO DA INDÚSTRIA DE FIAÇÃO E TECELAGEM EM GERAL.

	1983		1984		1985		1986		1987	
	QUANT	VALOR	QUANT	VALOR	QUANT	VALOR	QUANT	VALOR	QUANT	VALOR
- MÁQ. E APARELHOS P/ EXTRUSÃO, PREPARAÇÃO, FIAÇÃO E TORÇÃO DE MAT. TÊXTEIS										
- P/ EXTRUSÃO	5	795	7	105	3	118	8	1635	5	1937
- P/ CORTE, RUPTURA E PREP. DE FIBRAS	-	-	-	-	1	46	1	10	3	156
- DESCAROÇADEIRAS E DESLINTADEIRAS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
- ABRIDORES E BATEDORES	5	83	-	-	2	504	7	216	-	-
- CARDAS	7	470	1	34	22	1057	40	2543	17	2196
- PENTEADEIRAS	14	556	4	121	9	312	2	62	66	5204
- MASSAROQUEIRAS	1	51	-	-	-	-	-	-	3	263
- FIADEIRAS E FILATÓRIOS	8	1126	-	-	25	1731	7	1528	22	4867
- RETORCEDEIRAS	-	-	1	59	3	112	6	656	1	142
- BOBINADEIRAS AUTOMÁTICAS COM MÃO	41	2309	26	1492	48	3594	149	16179	148	16660
- OUTRAS MÁQUINAS, PARTES E PEÇAS	-	9231	-	8542	-	11919	-	27045	-	31225
- MÁQ. PARA TECER, PREPARATÓRIAS PARA TECELAGEM, TINGIMENTO, COSTURA, ETC.										
- ENGOMADEIRAS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
- UNDEIRAS	7	65	2	161	2	33	5	184	10	551
- TEARES SEM LANÇADEIRAS	157	6856	58	1521	178	6878	406	21746	299	23196
- TEARES RETILÍNEOS P/ JERSEY	4	121	4	222	6	98	9	280	6	194
- OUTROS TEARES	87	5921	39	1285	18	1440	55	1951	173	10240
- TEARES CIRCULARES P/ MALHARIA	217	3686	92	1159	99	1128	420	8879	451	11113
- MÁQUINAS DE COSTURA INDUSTRIAIS	6128	5369	1860	1774	5257	4502	15623	13514	13223	12587
- OUTRAS MÁQ., PARTES E PEÇAS	-	14951	-	12309	-	17314	-	34958	-	39981

Fonte: Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral, no Estado de São Paulo - CACEX.

TABELA VII - BRASIL - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL NO CONSUMO

INDS. DE FIBRAS TÊXTEIS

(1963/1987) %

ANOS	NATURAIS	ALGODÃO	ARTIFICIAIS	SINTÉTICAS
1963	87.6	68.5	9.9	2.7
1964	86.7	66.5	10.1	3.2
1965	87.3	64.9	9.2	3.5
1966	83.9	64.3	11.2	4.8
1967	83.6	63.3	10.7	5.7
1968	80.4	60.4	11.7	7.8
1969	80.9	62.9	10.7	8.4
1970	78.3	56.3	9.8	11.9
1971	74.0	54.9	10.9	15.2
1972	73.7	53.8	8.7	17.6
1973	71.9	52.5	8.4	19.6
1974	69.5	52.8	8.1	22.3
1975	72.3	54.7	6.3	21.3
1976	70.4	55.5	6.4	23.2
1977	68.0	54.7	5.9	25.9
1978	69.2	58.1	5.1	25.6
1979	71.8	58.1	5.1	23.1
1980	71.3	56.7	4.8	23.8
1981	75.3	61.6	4.6	20.0
1982	74.7	62.5	4.4	20.8
1983	76.2	65.9	3.7	20.0
1984	76.8	64.4	4.2	18.9
1985	76.5	64.5	3.8	19.7
1986	75.3	65.0	3.7	21.0
1987	75.9	64.7	3.6	20.5

Fonte:

Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral, no Estado de São Paulo.

- A N E X O S -

ANEXO I

- ROTEIRO PARA ENTREVISTA -

I. Características do Produto e de Mercado

- Estrutura de mercado - ramo
- Com quem concorre (pequenas, médias, grandes) diretamente?
- Participação da empresa no mercado (tem posição relevante? é totalmente subordinada?)
- Há concorrentes a nível internacional? (atuando no mesmo mercado ou em mercados onde a empresa não atua mas nos quais poderia atuar?)
- A empresa exporta? pretende exportar? já exportou?
- Por que decidiu atuar no mercado externo?
- Qual a participação das exportações no faturamento da empresa? elas vêm crescendo? diminuindo? a que se deve?
- Para que mercados exporta? tem ampliado esses mercados? (ou os tem restringido?)
- A que estão vinculadas as exportações? Quais as perspectivas quanto ao desempenho futuro dessas exportações?

Produto - Bens de consumo final? (duráveis ou não duráveis?) intermediário? de Capital?

Qualidade do produto - onde se determina a qualidade do produto? na matéria-prima? no processo de produção produto acabado? (embalagem, etc.)

- O que tem feito em relação à qualidade do produto?
 - . Investimentos. Quais? em que setor da empresa?
 - . Controle de qualidade (implantação de um setor na empresa voltado para isso)
 - . Contratação de técnicos especializados
 - . Capacitação da mão-de-obra
 - . Rotação da mão-de-obra

A qualidade do produto afeta a competitividade do produto ou essa competitividade é definida por outras variáveis? (preço, propagandas, etc.)? Nesse sentido a introdução de inovações tecnológicas tem peso nesse aspecto? em que estágio deveriam ser introduzidas? (Produção, acabamento, distribuição, etc.)

- Como está a empresa em relação a tais inovações? Acompanha o desenvolvimento de novas técnicas? Introduziu algumas (ou pretende) na sua empresa? Como foi tomada tal decisão? Qual a posição do empresário frente a elas?
- Acompanha o comportamento das empresas concorrentes em relação a esse aspecto? Tem condições de avaliar a evolução técnica no que diz respeito aos produtos que a empresa fabrica? (nos demais países) como isso afeta a empresa?
- Quantos teares? e quantos com lançadeiras e sem lançadeiras?

II. Política de Investimento

- Privilegia o investimento produtivo? o financeiro? Como são tomadas as decisões? Quais os fatores limitantes?
- Onde vai buscar os recursos?
 - . próprios
 - . captação no mercado financeiro
 - . admissão de novos sócios (ou fusão de empresas)

III. Política de Preços e Prazos

- Como forma os preços? e prazos de pagamentos?

IV. Evolução da situação financeira.

- Endividamento da empresa.
- Como a evolução dos juros afetou a situação financeira da empresa? Como superou (neutralizou) os impactos negativos?
- Melhor/pior período para a empresa (Como vê os concorrentes, é exceção ou é a média?)

V. Política geral de empresa na crise. Quem decidiu essa política? Quais os obstáculos?

- Diversificou/diferenciou produtos
- reduziu preços/lucros
- reduziu planta (aumentou a capacidade ociosa)
- buscou novos mercados (internos, externos)
- mudou de ramo
- reduziu o endividamento (como o conseguiu)
- injetou capital na empresa
- vendeu imobilizado (da própria empresa ou imobilizado particular)
- exportou

VI. Posição de empresário

- Como deveria ser uma política econômica voltada para o ramo da empresa? O que envolveria? Acredita que possa ser implantada? De que depende?
- Como deveria ser inserida em uma política mais ampla? Qual deveria ser o papel do Estado? e dos empresários? Qual deve ser o papel atribuído/conquistado pela iniciativa privada na definição da política econômica para o setor/geral. Como o empresariado poderia participar mais ativamente? Julga que há condições para tal? (O empresariado estaria preparado?)
- Avaliação do impacto das decisões a nível Macro sobre a sua empresa.
- Avaliação da crise atual. Como espera superá-la? (Confronto com o período do "milagre")

Do algodão cru ao fio. Do fio aos mais altos padrões de beleza e qualidade em confecções. À frente de tudo, um nome que hoje é um conceito: Duomo.

Fundada em 1950, pelos Srs. Eloy Argemiro Carniatto e Ettore Calvi (atual Diretor Presidente), a Duomo iniciou suas atividades atuando apenas na área de tecelagem.

Progressivamente a empresa construiu as áreas de Tinturaria e Acabamento, Estamparia, Confeção e Fiação.

Todo este complexo está implantado em uma área total construída de aproximadamente 30.000 m², empregando 850 funcionários entre os diversos setores do seu Parque Industrial.

O fato de possuir esta estrutura, aliado à qualidade resultante dos produtos e serviços que oferece, levaram a Duomo à conquista do prestígio que hoje goza no mercado têxtil.

Este breve relatório tem por objetivo mostrar o porquê deste sucesso.

Duomo-A name on textiles

Founded in 1950 by Mr. Eloy Argemiro Carniatto and Mr. Ettore Calvi (its current Chairman of the Board), Duomo initiated its activities operating exclusively in the weaving sector. The company entered gradually into the fields of Dyeing and Finishing, Printing, Ready-To-Wear Clothing and Spinning.

All these sectors are contained in an area that has approximately 300.000 feet² of buildings, and employs about 850 people.

Duomo's structural base, associated to the quality of its products and of the services being offered, gave her the reputation that she holds today in the textile market.

This brief report shows the reasons for all this success.



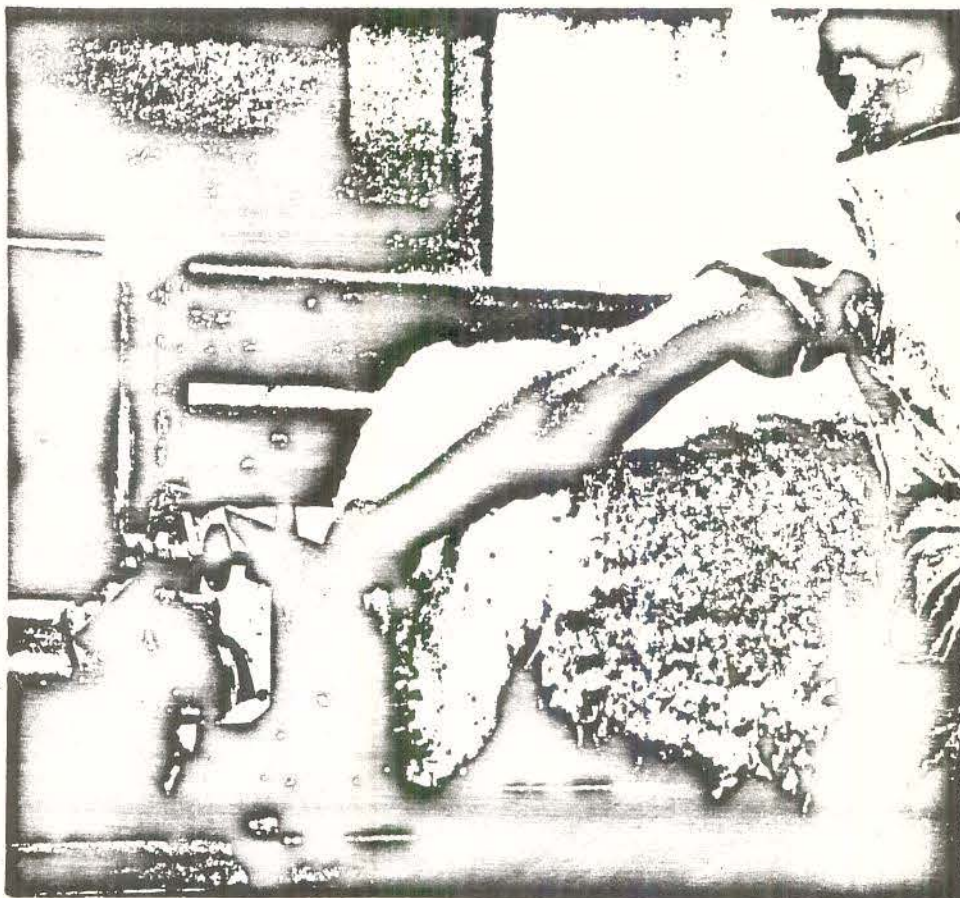
Produção/Fiação **Production/Spinning**

Da matéria-prima em seu estado bruto até o produto final, a Duomo é autogeradora do que faz e independente de quaisquer serviços externos.

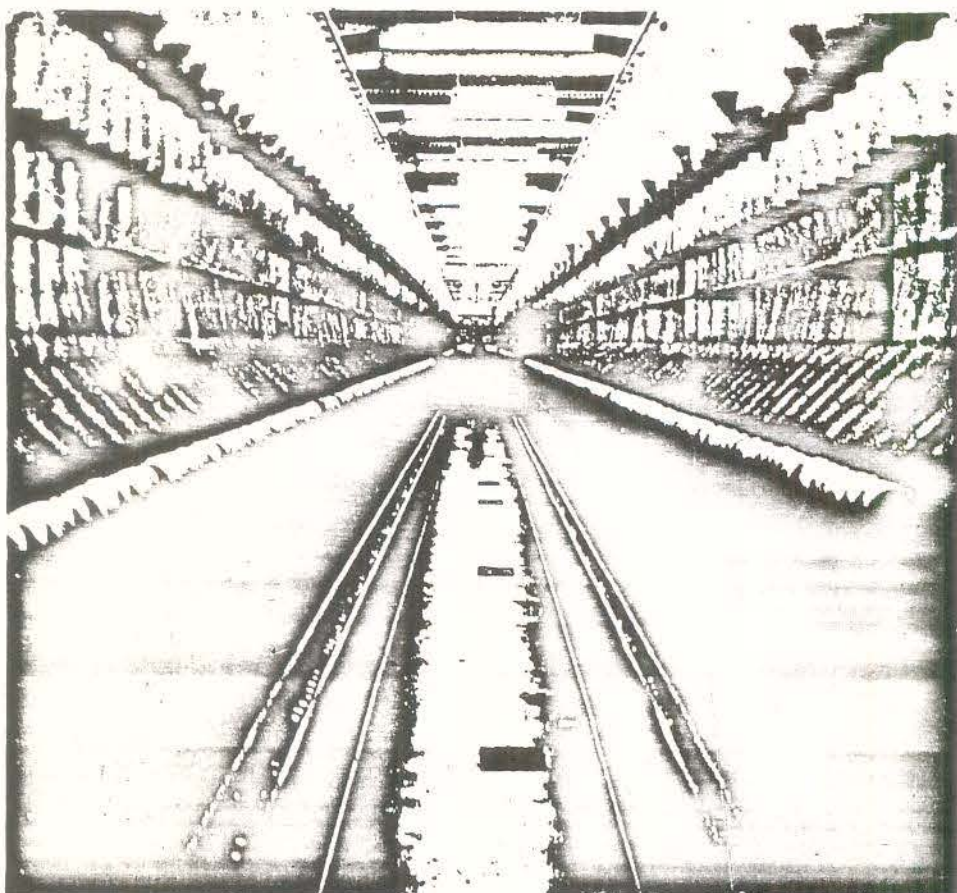
A Área de Fiação da empresa é um bom exemplo desta conduta de atuação autônoma, possibilitada pelas máquinas e equipamentos específicos para cada uma das etapas do setor.

From the raw material to the final product, Duomo does everything by itself and is free from any outside help.

The Spinning Sector of the company is a good example of its autonomy, achieved by having specific machinery and equipment at every stage of the process.



A MATÉRIA-PRIMA : O MOURÃO

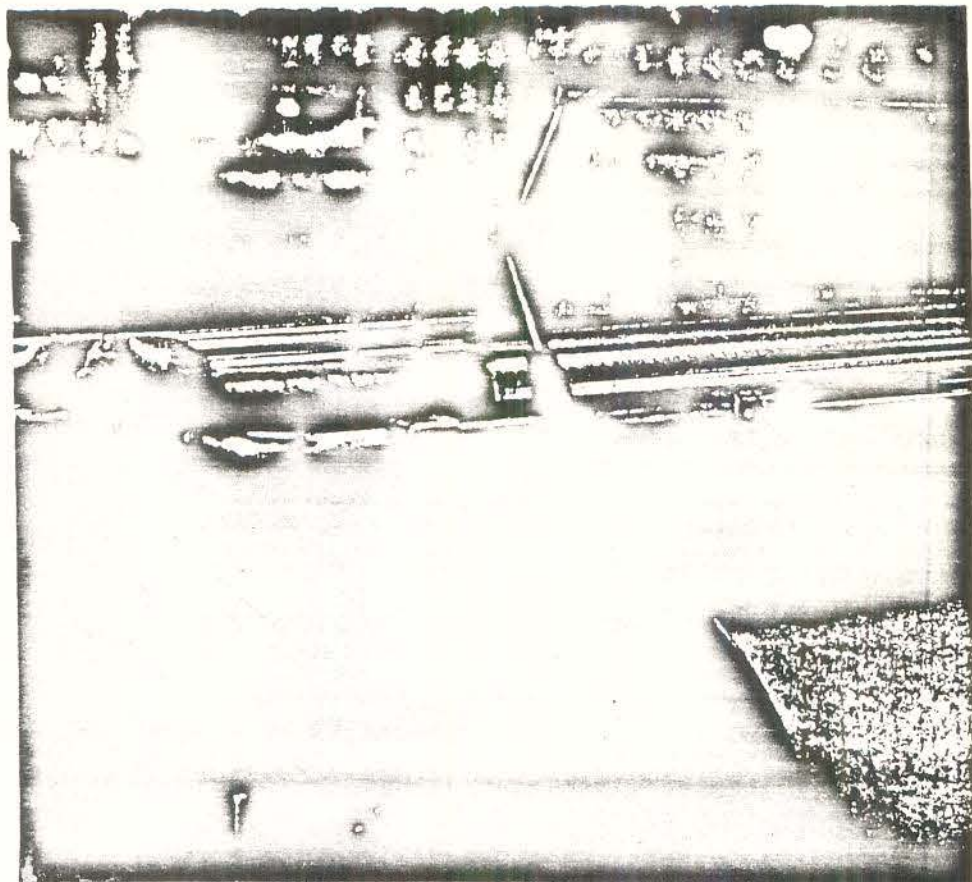


FILATURA

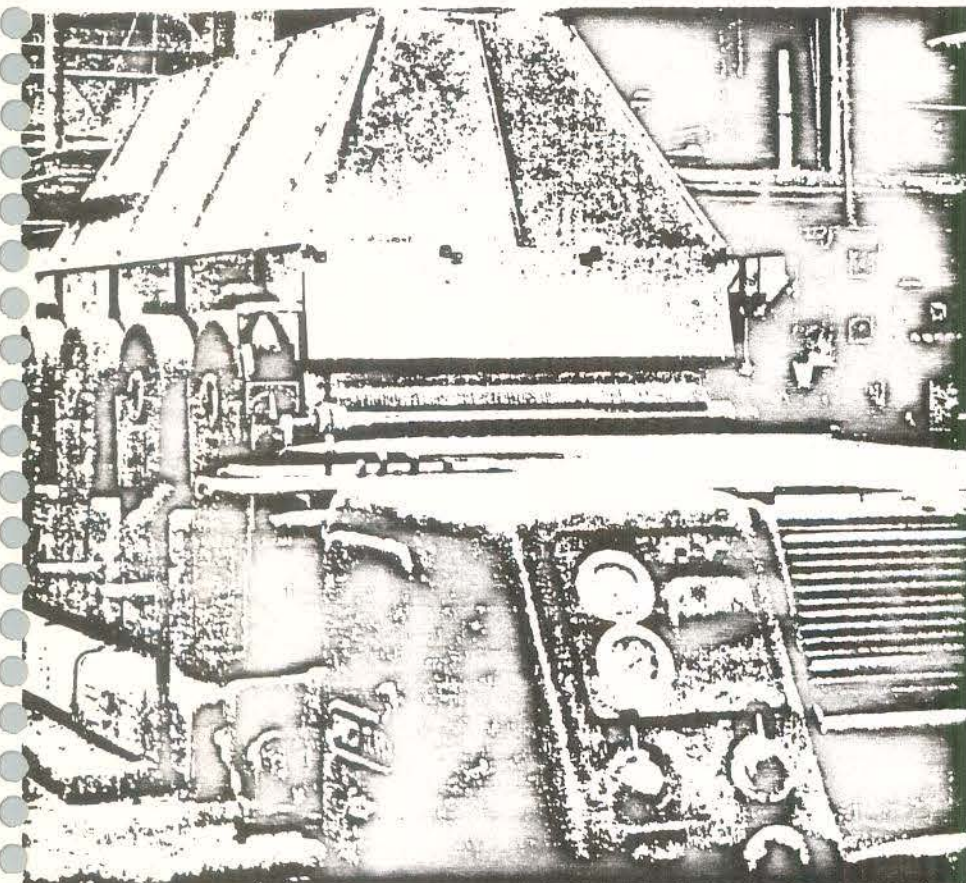


Produção/Urdimento e Preparação **Production/Warping and Startching**

Além de atender às necessidades de produção da própria empresa, o setor urdimento e preparação também presta serviços a clientes que exigem a mais apurada técnica, perfeição e delicadeza que este trabalho requer, constituindo-se assim numa especialização da Duomo. Qualidade é o fator que mais contribui para distinguir o produto Duomo no mercado, da primeira à última etapa de produção. Para fazer deste diferencial uma constante, a empresa conta com o C.C.Q. (Centro de Controle de Qualidade), que se subdivide em grupos de profissionais, cada um deles se responsabilizando por um determinado setor. A correta manutenção de todo o maquinário é pré-requisito para que se possa produzir com alta qualidade. Para tanto, uma equipe de mecânicos da empresa (treinados no Brasil e exterior) cuida do pleno funcionamento dos equipamentos, otimizando sua performance.



urdimento



Besides meeting its own needs, the sector of warping and startching also works for customers that demand the high quality, and excellence that this job requires, a type of work where Duomo stands out.

Quality is the factor that is fundamental to distinguish the Duomo product in the market, from the first to the last stage of manufacture. To keep constant the quality level, Duomo has a rigid and efficient Quality Control Center, which subdivides itself in groups of technicians, each of them responsible for its own area.

Perfect maintenance for all its machinery is a must, to enable us to produce such high quality. Therefore, a team of maintenance men (trained in Brazil and abroad), takes care of the complete operation of the existing equipment, optimizing its performance.



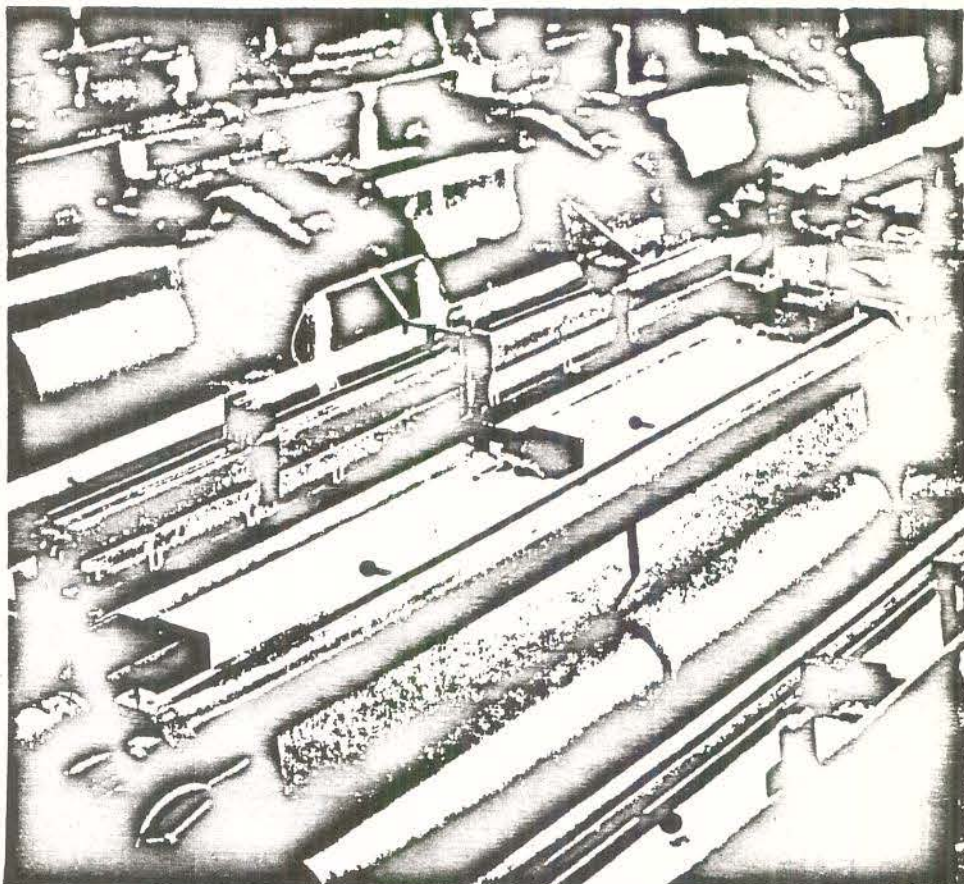
Produção/Tecelagem Production/Weaving

O nível de qualidade dos produtos fabricados pela Duomo se deve à mão-de-obra qualificada e treinada na própria empresa e ao constante empenho em acompanhar a vanguarda tecnológica para o setor têxtil.

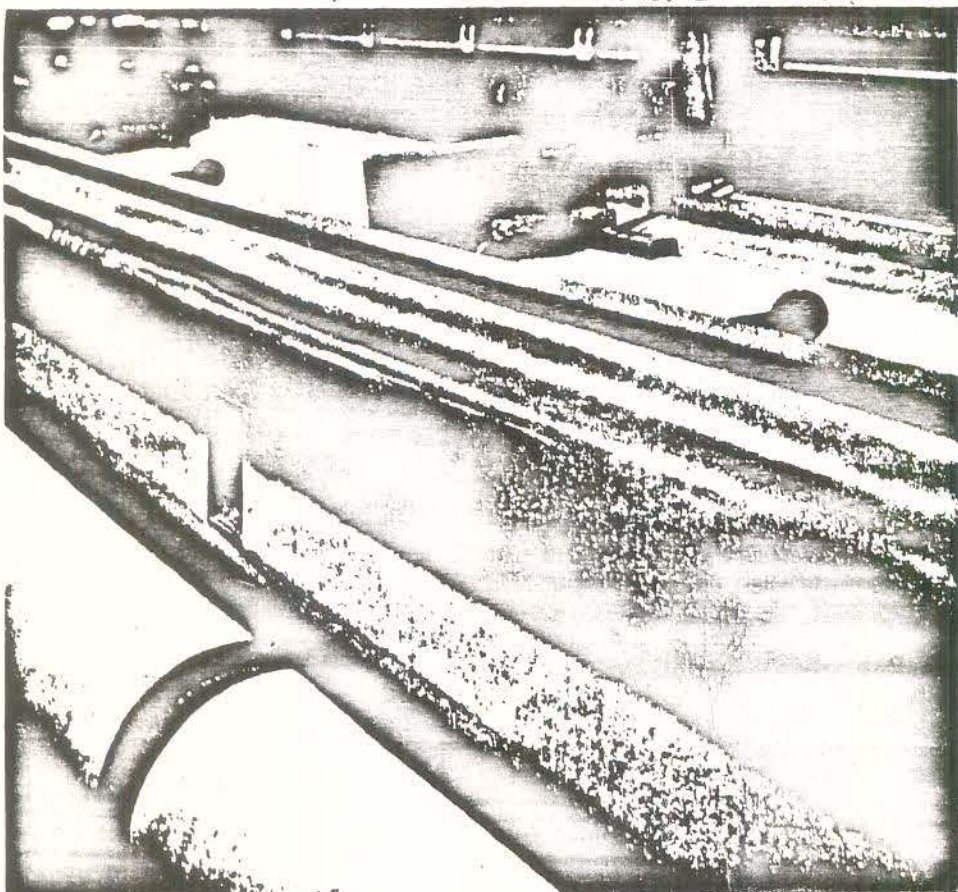
De posse desta tecnologia, estilistas e técnicos em desenvolvimento de produtos têm o suporte necessário para criar e aperfeiçoar linhas de produtos para os mais variados segmentos de mercado.

The quality level of the products manufactured by Duomo is obtained using competent workmanship, trained in its own factory and always using state-of-the-art technology in the textile area.

Due to the use of this advanced technology, stylists and technicians are able to develop high quality and up-to-date products.



FIOS ENTRELACADOS - A TECELAGEM.



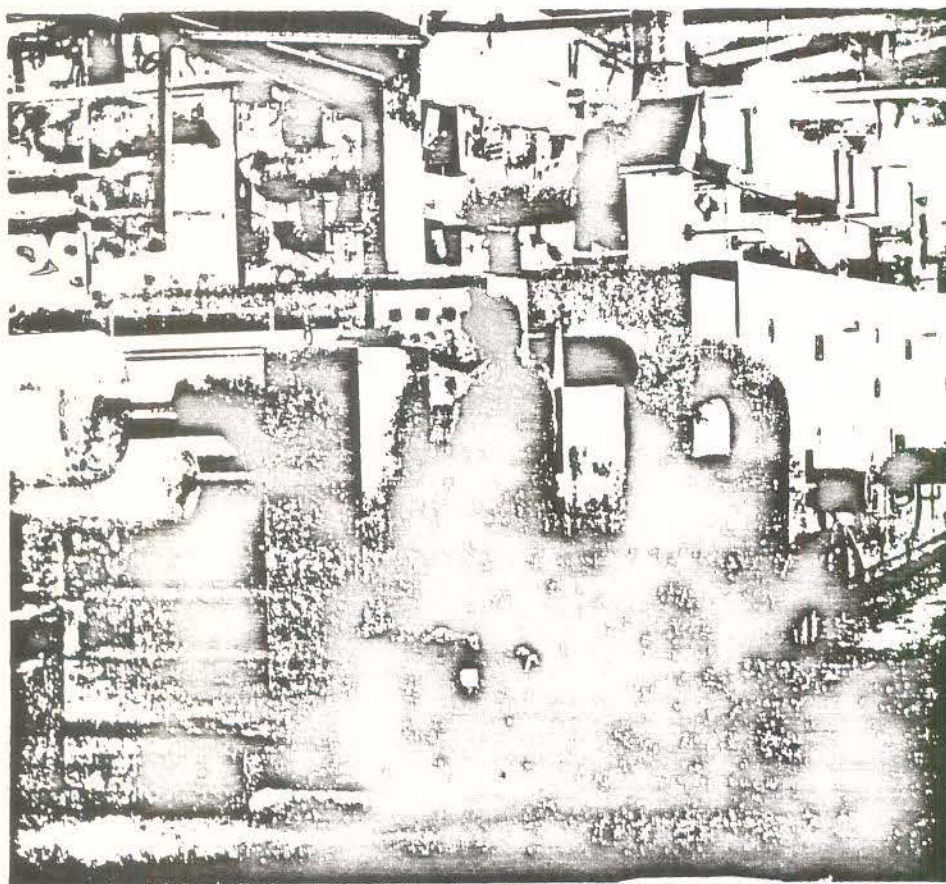
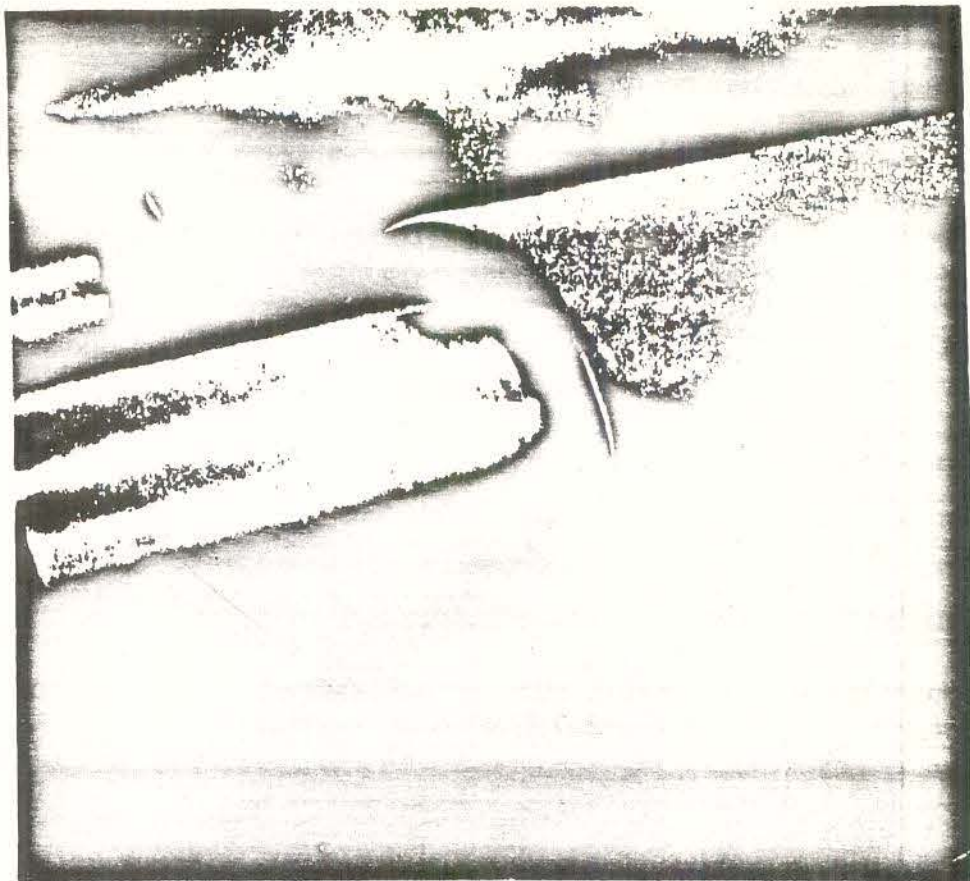
TECIDA CRU



Produção/Tinturaria/Acabamento Production/Dyeing/Finishing

Na área de Tinturaria/Acabamento, a Duomo está apta a trabalhar com cores sobre algodão, poliéster/viscose e linho, bem como realizar acabamentos sofisticados como chintzs, emborrachados, mercerizados e pré-encolhidos.

As for as Dyeing and Finishing are concerned, Duomo is able to process cotton, polyester, viscose and linen, and to achieve sophisticated finishings such as chintzes, rubber coatings, mercerizing and sanforizing.



O conjunto de máquinas do setor propicia os mais diversos e sofisticados beneficiamentos que o mercado exige em seus diversos segmentos. Sempre com a máxima agilidade, segurança e rigorosa verificação de qualidade.

The machinery available in this sector enables the most different and sophisticated finishings that the market may require in its various sectors.

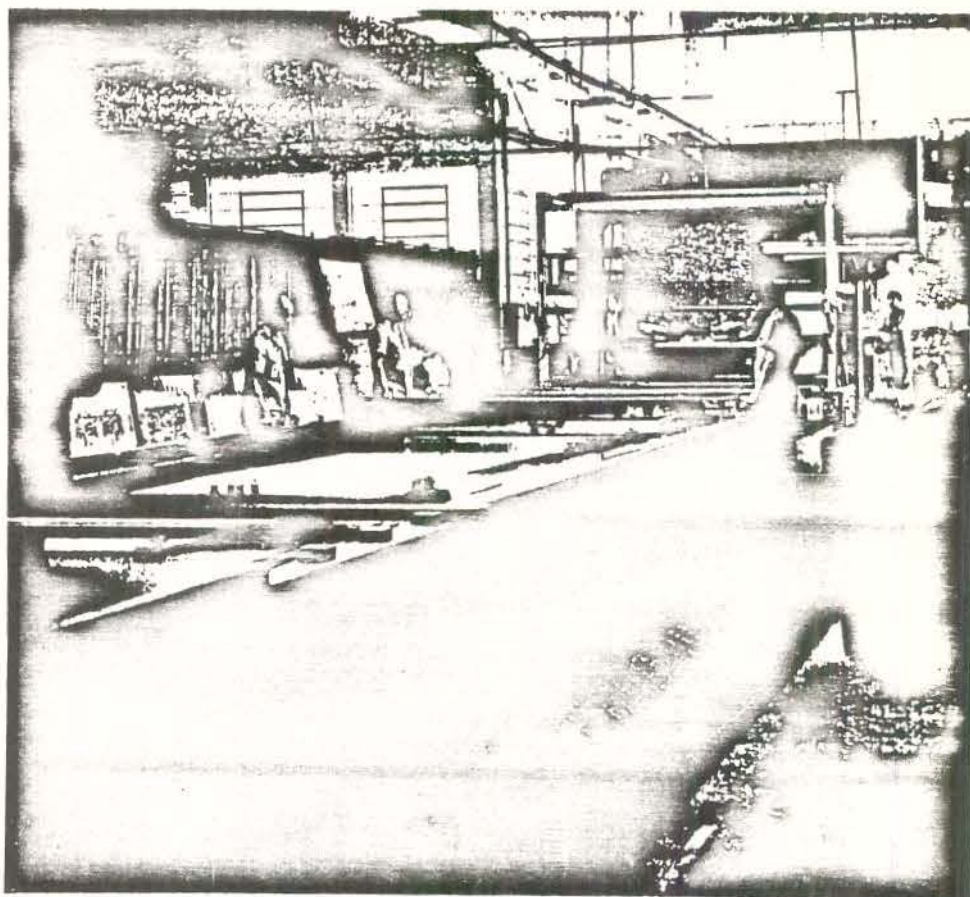
TINTURARIA E ACABAMENTO DOS TÊXTEIS



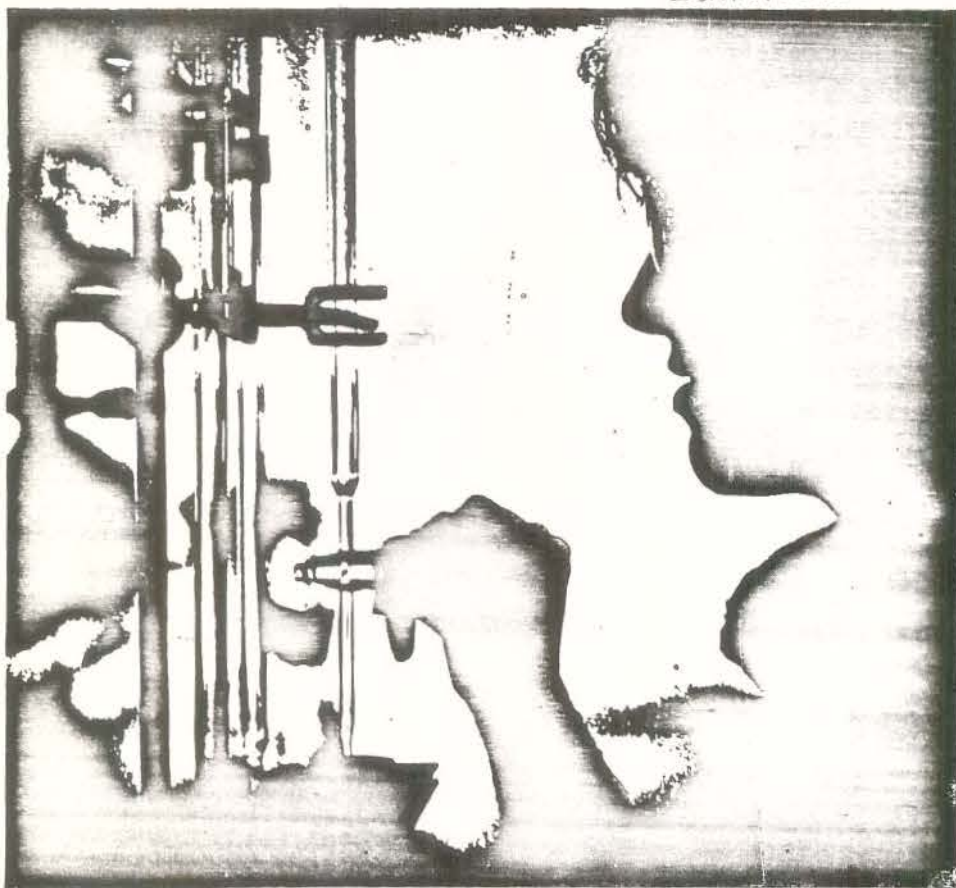
Produção/Estamparia/Laboratórios Production/Printing/Laboratories

Um setor de estamparia dos mais completos, com foto-estampa e produção em máquinas de estampar a quadro e rotativa, assegura sempre os melhores resultados. É destacada a qualidade obtida neste setor.

The printing sector is fully equipped, with photographic printing and with production on roller and screen printing machines, which always insure the best results. The quality obtained in this sector is outstanding.



ESTAMPARIA



Através de um laboratório central (em coordenação com sub-laboratórios setoriais) realizam-se as análises física e química dos tecidos e tintas. Garantindo a segurança e controle exigidos nos diversos processos, o laboratório tem também como objetivo o estudo e desenvolvimento de novos produtos e/ou cores.

Physical and chemical fabrics and dyes tests are performed in a central laboratory (in coordination with sectorial mini-laboratories). The laboratory guarantees the safety and the control required by the various processes. One of its main goals is also the research and development of new products and colors.

LABORATÓRIOS PARA DESENVOLVIMENTO E CONTROLE DE PRODUTOS



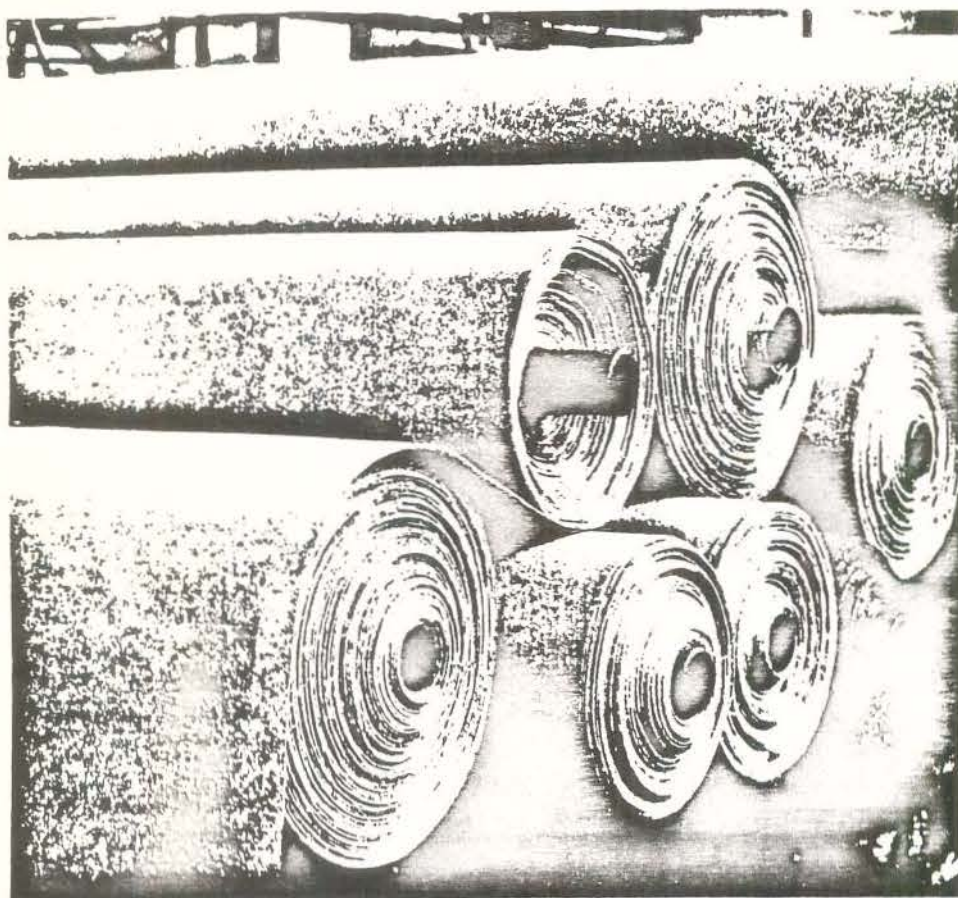
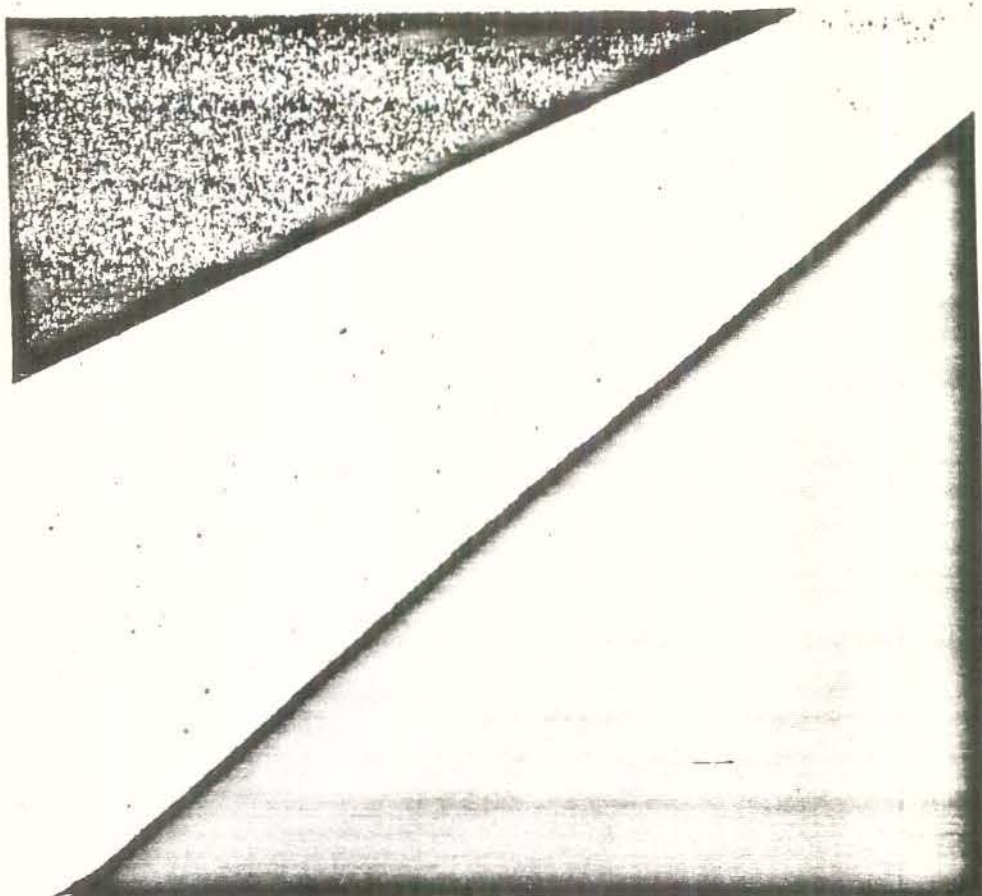
Produtos Específicos **Specific Products**

A produção da Duomo abrange também toda uma linha de produtos específicos para fins:

- Cirúrgicos (atoalhados e uniformes), exportados para Canadá, Estados Unidos e Europa.
- Industriais (politrizes, entretelas, toalete, etc.)
- Hospitalares
- Hotelaria
- Fins militares

The production of Duomo includes also specific product lines for:

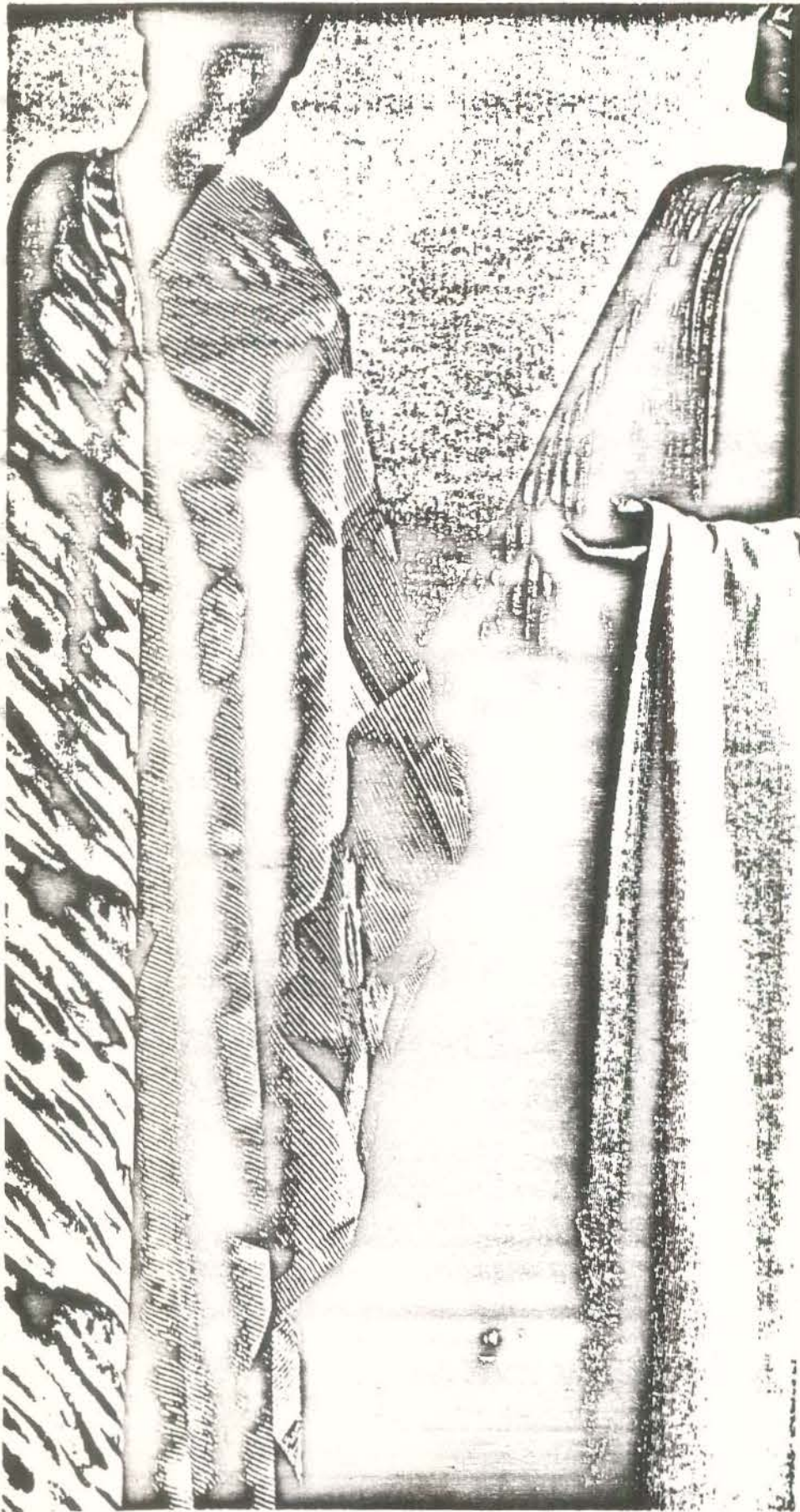
- Surgical use (cabinet towellings and uniforms), exported to the United States, Canada and Europe.
- Industrial use (polishing cloths, interlinings, toilette fabrics, etc.)
- Hospitals
- Hotels
- Military applications



apresenta papel



Produtos/Vestuário e Camisaria
Products/Apparel and Shirting Fabrics



Através de processos diferenciados, a Duomo fabrica tecidos para moda em fios tintos, como também lisos e estampados, tafetás e trançados.

Using various processes, Duomo manufactures fashion fabrics with dyed yarns, as well as plain and printed fabrics, taffetas and dobby fabrics.





Para o mercado de alta decoração e tapeçaria fina, a Duomo fornece:

- Sarjas
- Cetins
- Popelines fantasia
- Lonitas mercerizadas
- Estampados com pigmentos, reativos ou rougean
- Emborrachados, resinados, chintzs
- Tecidos e padronagens exclusivos

For the high quality decoration and fine upholstery markets, Duomo provides:

- Twills
- Sateens
- Fancy poplins
- Mercerized light canvas
- Pigment, reactive and rougean prints
- Rubber coated and resin coated fabrics, chintzes
- Exclusive fabrics and designs



Produtos Manufaturados **Manufactured Products**

A participação da Duomo neste mercado é significativa, em coleções requintadas sob grifes: Casa & Cores - Attilio - Larmod. São lençóis, fronhas, edredons, kits para copa e cozinha, jogos americanos, etc.

Duomo holds a significant share of this market, as well as in the refined segment having collections under "griffes": "Casa & Cores" - "Attilio" - "Larmod".

Sheets (regular and waterbed), pillow cases, comforters, table/cloth, pantry and kitchen sets, place mats sets, etc., are manufactured.

